

Ministério

SET-OUT • 2020

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Exemplar avulso: R\$ 16,28



VISITAÇÃO

A arte de se fazer presente



Dicas para aperfeiçoar a transmissão de cultos on-line + Lições de Neemias sobre resolução de conflitos
O jardim do Éden e o tabernáculo israelita + A importância do diaconato + Campo e cidade nos escritos de Ellen White

Cuide do seu bem mais precioso

MKT CPB | Adobe Stock



Sua família merece superar os desafios e viver segundo o coração de Deus





14

10 **Cuide de sua comunidade**
Bruno Lopes
A visitação em tempos de pandemia

14 **Luz, câmera, sermão**
Fábio Bergamo
Dicas para aperfeiçoar a transmissão de cultos on-line

17 **Ministério do serviço**
Nerivan Silva
A influência espiritual do diaconato

20 **Entre o campo e a cidade**
Walter Alaña
Uma análise dessa aparente contradição nos escritos de Ellen White

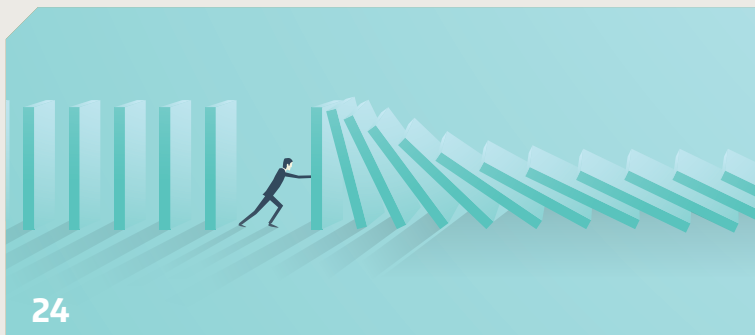
24 **Fé e ação**
Ricardo Norton
Lições da experiência de Neemias sobre resolução de conflitos

28 **Santuários**
Ángel Manuel Rodríguez
A relação entre o jardim do Éden e o tabernáculo israelita



10

- 5 Editorial
- 7 Entrelinhas
- 8 Entrevista
- 27 Lições de vida
- 32 Dicas de leitura
- 34 Reflexão
- 35 Palavra final



24

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 92 – Número 551 – Set/Out 2020
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa
Editor Associado Márcio Nastrini
Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa Jamesbin | Adobe Stock

Ministério na Internet
www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial

Lucas Alves; Daniel Montalvan; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goa; Jeffrey Brown; Alberto Carranza; André Dantas; David Ayora; Edilson Valiante; Efrain Choque; Elieser Ramos; Everon Donato; Geraldo M. Tostes; Levino Oliveira; Henry Mainhard; Ivan Samojluk; Juan Zuñiga; Ralides Nascimento; Ronivon Santos; Rubén Montero e Tito Valenzuela

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuá, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 79,20
Exemplar Avulso: R\$ 16,28



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.



Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.



Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos,

- educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.



Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.

- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa.

- Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.



DETALHES

Lembro-me com carinho da primeira visita pastoral que recebi. Era uma quarta-feira. Minha esposa havia acabado de chegar do trabalho, e eu me preparava para o culto quando recebi a ligação de um departamental da Associação, perguntando-nos se poderíamos fazer uma rápida visita antes de nos dirigirmos à igreja em que ia pregar.

Poucos minutos depois, o interfone tocou, anunciando a chegada de nosso visitante. Curioso, fui encontrá-lo no portão, enquanto minha esposa preparava um lanche para recebê-lo. O que houve a seguir marcou nossa experiência como membros da igreja. Com simpatia, aquele pastor expressou sua atenção para conosco, dizendo palavras muito apropriadas para a ocasião e orando em favor do nosso recém-iniciado ministério. A visita não durou mais do que meia hora, mas ficou registrada em nossa lembrança como uma demonstração do cuidado de um pastor pelas ovelhas do seu rebanho.

Ao longo do tempo, tenho me deparado com pessoas que dizem nunca ter recebido a visita do pastor, quando, de fato, foram visitadas, porém não se lembram mais. Esse fenômeno deve ser observado mais de perto, especialmente no contexto em que estamos vivendo. Por isso, é oportuno perguntar: O que torna marcante a visita pastoral? Refletindo sobre o tema, cheguei a algumas respostas. Provavelmente você tenha outras explicações também que, somadas a estas, ajudem a compor melhor o diagnóstico e a solução de um problema que é comum a todos nós.

Para muitas pessoas, a visita do pastor se torna inesquecível quando ele é sensível às necessidades que elas têm. Diante de uma crise familiar, doença, luto, fragilidade emocional, dificuldade financeira ou luta espiritual, a intervenção pastoral serve como bálsamo que traz alívio e cura para corações feridos. Quantas pessoas testificam da presença de pastores que passaram por sua vida e foram fundamentais em momentos difíceis! “O pastor me visitou quando me senti sozinho.” “Eu não via mais sentido em ir à igreja, mas a iniciativa do pastor em me visitar salvou-me da queda espiritual.” Esses e outros exemplos ajudam a

Às vezes, o que torna a visita pastoral inexpressiva é a disposição do pastor em visitar baseado em sua agenda pessoal, sem considerar detalhadamente o contexto das pessoas a quem ele serve.

compor um belo quadro de como a visita pastoral faz a diferença na vida dos membros da igreja.

Mas a visita pastoral não é marcante somente quando as pessoas estão necessitadas. Compartilhar momentos de alegria com elas também é uma forma de influenciá-las espiritualmente. Assim, visitar os membros da igreja por ocasião de seu aniversário, suas bodas, nascimento de um filho ou neto, aprovação no vestibular, formatura ou outro motivo de contentamento é uma oportunidade de direcionar seu olhar para as bênçãos de Deus e a presença da igreja no cotidiano da vida.

E por falar em cotidiano, as pessoas também tendem a guardar na memória a visita do pastor que partilha com elas uma refeição, ainda que seja simples. Não quero incentivar a intemperança, mas destacar que os membros da igreja se alegram quando seu pastor se alimenta com eles. Lembro-me de um casal que me relatou a história de um amigo pastor que havia comido com eles um pedaço de melancia, num contexto em que a família estava de mudança. A simplicidade daquele servo de Deus abriu caminhos para que aquele casal tivesse em alta consideração o trabalho ministerial e fosse engajado nas atividades da igreja.

Seja nos momentos tristes ou alegres ou partilhando uma singela refeição, os membros da igreja são inclinados a lembrar-se com carinho da visita do pastor. Em realidade, às vezes, o que torna a visita pastoral inexpressiva é a disposição do pastor em visitar baseado em sua agenda pessoal, sem considerar detalhadamente o contexto das pessoas a quem ele serve. Portanto, lembre-se de que visita pastoral não se trata de estar na casa das pessoas, mas em se fazer efetivamente presente na vida delas. **M**



WELLINGTON BARBOSA
editor da revista
Ministério

Livros importantes para entender um dilema histórico

MKT CPB | Adobe Stock



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimentolivrarias@cpb.com.br

WhatsApp



Baixe o
aplicativo
CPB



O PASTOR E OS ÚLTIMOS DIAS

O livro do Apocalipse é tanto uma revelação de Jesus quanto uma revelação sobre Ele. Foi Cristo que tomou a iniciativa de revelar o futuro por meio de símbolos que representam o grande conflito entre o bem e o mal, alertam para os desafios que Seus seguidores iriam enfrentar ao longo dos séculos e revelam o plano da salvação, a última batalha e a certeza de um final feliz ao lado Dele para sempre.

Cristo é o verdadeiro Herói do livro. Ele Se apresenta com força para os que se sentem fracos, esperança para os que estão desesperados, perdão para os que sofrem com a culpa e segurança para os que temem o futuro. Ele Se apresenta, Ele fala, Ele Se revela. Toda ação provém Dele. Como disse C. S. Lewis: “Quando se trata de conhecer a Deus, toda iniciativa depende Dele. Se Ele não quiser Se revelar, nada do que fizermos nos permitirá encontrá-Lo.” Como é confortador vê-Lo caminhando em nossa direção!

Nos três primeiros capítulos do Apocalipse, Jesus é mencionado cerca de 130 vezes, e em todo o livro é identificado por 38 nomes e títulos. Por exemplo: a Fiel Testemunha (1:5); o Primogênito dos mortos (1:5); o Soberano dos reis da Terra (1:5); o Alfa e o Ômega (1:8); o Senhor (1:8); a Raiz de Davi (3:7); o Leão da tribo de Judá (5:5); o Cordeiro (5:5); a Estrela da Manhã (22:16); e o Rei dos reis e o Senhor dos senhores (19:16).

Entre esses nomes e títulos há um que chama nossa atenção: Cordeiro. No Apocalipse, ele aparece aproximadamente 27 vezes. Isso significa que nossos olhos precisam se voltar especialmente para Cristo como Salvador do mundo. Ellen White declarou: “As profecias de Daniel e Apocalipse devem ser cuidadosamente estudadas e, em ligação com elas, as palavras: ‘Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (Jo 1:29)’” (*Obreiros Evangélicos*, p. 148).

Quais lições podemos extrair do que escreveu o pastor João no primeiro capítulo do Apocalipse?

Em primeiro lugar, reconhecer que todos estamos juntos no sofrimento. João escreveu: “Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação,

Jesus se apresenta com força para os que se sentem fracos, esperança para os que estão desesperados, perdão para os que sofrem com a culpa e segurança para os que temem o futuro.

no reino e na perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus” (v. 9). A palavra “tribulação” significa angústia, aflição. É quando ficamos preocupados o tempo todo, não conseguimos descansar, dormir ou parar porque estamos mergulhados na dor. É vivenciar o sofrimento dos que sofrem. Mas sofrer junto diminui nossa dor. João estava sendo sensível às provações de outros irmãos quando expressou que ele também estava sofrendo.

Em segundo lugar, estamos juntos no conforto. “Quando O vi, caí a Seus pés como morto. Porém Ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: Não temas; Eu sou o primeiro e o último” (1:17). João contemplou Jesus, não mais ferido pelos soldados, torturado e pregado na cruz, mas glorificado, vencedor e com total autoridade e domínio sobre tudo e sobre todos. O Salvador Se aproximou do idoso discípulo, colocou Sua mão sobre ele e disse: “Não temas”. Os dias que João estava enfrentado não eram fáceis. No entanto, Ele teve a certeza da presença confortadora e do cuidado de Seu Redentor ao lado dele.

E finalmente, Cristo está entre Seu povo e Sua igreja. João viu Jesus entre os castiçais (1:13, 20). Cristo está presente em meio a Seu povo e sustenta Seus ministros. Ellen White escreveu: “Precisamos confiar em Jesus cada dia, a cada hora. Ele prometeu que como são os nossos dias, assim será a nossa força. Por Sua graça, podemos levar todos os fardos do presente e cumprir todos os deveres” (*Testemunhos para a Igreja*, v. 5, p. 200). **M**



LUCAS ALVES

secretário ministerial para a Igreja Adventista na América do Sul



FINANÇAS EQUILIBRADAS

Por Wellington Barbosa

A crise econômica resultante da pandemia da Covid-19 inevitavelmente tem refletido na dinâmica financeira da igreja. Isso exige do pastor distrital sabedoria para administrar os recursos locais a fim de assegurar que não faltem meios para a manutenção das atividades regulares da igreja e o cumprimento da missão.

Nesta entrevista, o pastor **Edson Erthal de Medeiros** apresenta dicas práticas para ajudar os pastores distritais a reestruturar o planejamento financeiro local e salvaguardar os recursos da igreja

O orçamento da igreja sempre deve priorizar a missão e adequar a distribuição dos valores de acordo com os objetivos a serem alcançados.

em tempos difíceis. Graduado em Ciências Contábeis, pós-graduado em Administração Financeira e Gestão de Negócios e mestre em Administração Estratégica, o pastor Edson já trabalhou como tesoureiro responsável pela área de educação da Associação Sul-Paranaense, tesoureiro da mesma Associação, diretor financeiro da Casa Publicadora Brasileira e tesoureiro da União Sul-Brasileira. Atualmente, é o tesoureiro da União Central Brasileira. Casado com Zuleica Reis Medeiros, tem dois filhos, Edson e Marcos.

Qual é a importância de se definir um planejamento financeiro anual?

Apesar da ansiedade em virtude das incertezas que vivemos nos dias atuais, Deus não faz o que é de nossa responsabilidade fazer. Com orientação divina, oração e fé, planejar o futuro é a melhor maneira de criá-lo. Sempre que trabalhamos com um planejamento financeiro pensamos em curto, médio e longo prazo. Planejar é traçar o caminho de onde estamos até aonde queremos chegar.

Em Lucas 14:28 a 30, Jesus nos orienta a planejar antes de começar qualquer empreendimento.

Nesse sentido, Suas palavras tratam especificamente do planejamento financeiro: “Qual de vocês, se quiser construir uma torre, primeiro não se assenta e calcula o preço, para ver se tem dinheiro suficiente para completá-la? Pois, se lançar o alicerce e não for capaz de terminá-la, todos os que a virem rirão dele, dizendo: ‘Este homem começou a construir e não foi capaz de terminar.’” Muito antes de os autores e acadêmicos modernos escreverem livros sobre planejamento financeiro, o Senhor já nos deu esta orientação clara: antes de fazer, planeje o que será feito e avalie o custo.

Quais são as principais dificuldades para se estabelecer o orçamento local?

Uma das principais dificuldades ao se fazer um orçamento/planejamento financeiro é não ter objetivos claros do que se deseja alcançar. Outra questão importante é que o orçamento, depois de feito, deve ser seguido, e isso exige controle. Não ter disciplina financeira é um dos grandes inimigos da execução orçamentária. Além disso, a maioria das igrejas, organizações e pessoas tem dificuldade de identificar com clareza o que é imprescindível, o que é urgente, o que é necessário e o que é desejo. Sobre nós, líderes, repousa a responsabilidade de ajudar nossas igrejas a planejar e orçar.

Por orientação divina, Ellen White escreveu: “Os diretores que são negligentes, que não sabem gerir, devem ser afastados da obra. Contratem o serviço de homens e mulheres que saibam ater-se ao orçamento, para que a obra não se desfaça. Todos os que estão ligados às nossas instituições humilhem-se diante de Deus. Peçam-Lhe que os ajude a planejar com tanta sabedoria, de maneira tão econômica, que as instituições se enraízem firmemente e deem fruto para a glória de Deus” (*Conselhos Sobre Mordomia*, p. 274).

Como avaliar o orçamento da igreja a fim de propor readequações percentuais?

As práticas mais comuns sugerem que o orçamento seja feito com base no histórico das receitas (entradas) e despesas (saídas). Considerando o contexto da pandemia, o passado pode não refletir a nova realidade. Assim, o ideal é que os orçamentos sejam feitos a partir do zero. É necessário, portanto, avaliar as receitas e despesas atuais e planejar o futuro com os dados presentes, não os históricos.

Orçamento não existe para ficar na gaveta, ou apenas numa ata de comissão. Cada mês os líderes e responsáveis pelas finanças da igreja devem considerar as informações sobre o que foi orçado e realizado e corrigir qualquer descompasso o mais rapidamente possível.

O orçamento da igreja sempre deve priorizar a missão e adequar a distribuição dos valores de acordo com os objetivos a serem alcançados. Cada comissão financeira e a comissão da igreja local devem avaliar se o orçamento reflete sua prioridade missionária. Em alguns momentos, uma parte dos recursos precisa ser direcionada para ampliações e reformas. Isso é importante, mas devemos nos lembrar de que a expansão da estrutura não pode se sobrepor à ampliação do reino de Deus. Em minha experiência no ministério das finanças, pude observar que, quando uma igreja tem foco missionário, nunca faltam recursos para a expansão estrutural.

Quais são as melhores práticas para manter o equilíbrio entre o controle de gastos e os investimentos necessários para a manutenção da igreja e cumprimento da missão?

Orçamento não existe para ficar na gaveta, ou apenas numa ata de comissão. Cada mês os líderes e responsáveis pelas finanças da igreja devem considerar as informações sobre o que foi orçado e realizado e corrigir qualquer descompasso o mais rapidamente possível. Segundo o *Manual da Igreja*, “o método mais satisfatório de prover para os gastos é o plano de orçamento” (p. 143). Conhecer as informações e saber com precisão a realidade financeira da igreja é fundamental para que a gestão dos recursos seja feita com eficiência e produza resultados eficazes para a missão. **M**



CUIDE DE SUA COMUNIDADE

A visitação em tempos de pandemia

Bruno Lopes

“Pastor, é muito triste o que estamos vivendo”, contava-me uma irmã da igreja enquanto enxugava as lágrimas e tentava manter a câmera do celular filmando seu rosto. Em poucos dias, sua vida havia mudado completamente. Ela não mais podia receber a visita dos netos, participar das atividades da igreja, tampouco ver sua mãe. Os maiores medos de quem chega à terceira idade, mesmo dos que pertencem a uma família amorosa, tornaram-se ainda mais intensos diante do isolamento social e da possibilidade da morte.

O mundo caminha para uma crise de saúde mental sem precedentes. Segundo pesquisadores, há um crescimento alarmante nos números de suicídios, crises de ansiedade, depressão e outras enfermidades mentais.¹ Nesse contexto, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos faz uma recomendação contundente: cuide de sua comunidade.²

Ainda que essa orientação seja novidade para a maior parte da população, as Escrituras deixam claro que esse cuidado é responsabilidade de todo ministro. Isso fica evidente na maneira com que os líderes da igreja atendiam às necessidades dos membros durante o período apostólico.

Além de presbíteros, os responsáveis pelas congregações também eram chamados de bispos. Esse segundo termo significa supervisor, mas o Novo Testamento usa essa palavra referindo-se a quem cuida das necessidades físicas e espirituais da comunidade de fé.³

Mas, qual era a maneira pela qual eles cuidavam da igreja? Provavelmente, por meio da visitação. Evidência disso é que a palavra *episkopos* advém do termo *episkeptomai*, expressão neotestamentária para “visitar”.⁴ Também encontramos sinais disso em 1 Timóteo 3:1 e 2 e 1 Pedro 5:1 e 2. Nesses textos, a obra do presbítero é descrita pelas expressões *episkope* e *episkopeo*, palavras do mesmo grupo léxico de *episkopos* e que são associadas à visitação.⁵

Dessa forma, vemos uma forte ligação entre *episkopos* e a prática da visitação. Ou seja, o líder da congregação é aquele

que o Espírito Santo também escolhe para visitar e pastorear o rebanho a ele confiado (Atos 20:28). Portanto, visitação é mais do que apenas um elemento importante do ministério; ela praticamente define o que é ser pastor.

O próprio Deus Se engajou nesse cuidado. Em sua primeira carta, Pedro apresentou Cristo como sendo o *Episkopos* da igreja (1Pe 2:25), e Lucas descreveu Deus visitando Seu povo para redimi-lo (Lc 1:68). O Antigo Testamento fala do Senhor visitando Seu povo por diversas razões. Ele visitou o povo para ouvir seus clamores (Êx 3:16); cumprir Suas promessas (Gn 21:1); livrar (Jr 29:10); atender às suas necessidades (Sl 65:9); punir (Is 26:20 e 21) e também salvar (Sl 106:4).

Aliás, a Bíblia mostra que visitar é um dever de todo cristão. Tiago 1:27 afirma que a prática é o que constitui a verdadeira religião, e em Mateus 25:36 a 46 vemos que visitar os enfermos e prisioneiros é um dos critérios do juízo escatológico. O verdadeiro discípulo segue o exemplo de Cristo e sempre está pronto para cuidar do próximo. Com isso em mente, surge a

Deus nos escolheu para cuidar de Sua igreja nesses dias de doença e aflição. Ele nos chamou para visitar os membros.

pergunta: se a Palavra de Deus nos diz que cuidar uns dos outros é papel dos verdadeiros cristãos, o que dizer de um pastor que não visita?

De acordo com Ellen White, a visitação é o trabalho mais proveitoso que o pastor pode fazer, sendo intransferível e insubstituível. Ela também diz que quem negligencia esse trabalho é “infidel e está sob a repreensão de Deus”, sendo que “seu trabalho não está nem metade feito”.⁶ Em outro texto ela foi ainda mais incisiva, dizendo que o ministro que não visita não está apto para o ministério, porque planta igrejas doentes e leva mais pessoas à perdição do que para Cristo.⁷

Visitas remotas

Mas afinal, como visitar em tempos de isolamento social? Apesar das restrições legais e riscos à saúde, o pastor ainda tem o dever de cuidar do seu rebanho. Foi essa inquietude que levou dois pastores, um de Brasília e outro de La Paz, Bolívia, a empreender visitas virtuais.

Miguel Pinheiro é pastor em Brasília. Como faz parte do grupo de risco, ele precisava de uma forma de cuidar de sua igreja sem se expor a uma pandemia que tem ceifado muitas vidas. Ele se valeu de sua experiência pastoral para atender o rebanho por chamadas de vídeo.

Inicialmente, ele usou a estrutura de comunicação já existente em sua igreja para dividir a congregação em grupos de oração. Cada líder local supervisiona um grupo, ajuda nas visitas remotas e encaminha ao pastor as necessidades mais urgentes. Miguel também estabeleceu um plano sistemático de visitação para alcançar todos os membros. Ele já havia cadastrado as famílias da igreja e, tão logo o isolamento começou, teve início o esforço para que todas elas fossem atendidas. Dessa maneira, garantiu que todos recebessem apoio, priorizando o atendimento às emergências.

O pastor Brandon Campos, de La Paz, aderiu às visitas virtuais por outra razão. Seu distrito foi muito afetado pela Covid-19, chegando a ter igrejas com mais de 10% dos membros infectados. Dessa forma, o contato remoto foi o meio seguro para garantir que essas famílias fossem pastoreadas.

Além de garantir que todos recebessem cuidado espiritual, também foi importante assegurar que ninguém estivesse passando por necessidades. Por isso, todo começo de mês o pastor e o ancionato organizam uma escala de visitação. Dessa maneira, cada ancião pode ajudar o pastor prestando auxílio a cinco famílias.

Segundo os pastores, lembrar que Deus cuida de Seu povo em meio às crises tem um efeito poderoso. Ainda que remotamente, essas visitas têm trazido alívio e ajudado a manter o foco das congregações.

Atenção às necessidades essenciais

No entanto, alguns membros não têm acesso a essa tecnologia nem a itens básicos de subsistência. Foi essa a realidade que o pastor Altino Araújo precisou enfrentar no Amazonas, uma das regiões mais afetadas pela pandemia.

Apesar dos cuidados, Altino foi contaminado pelo novo coronavírus. Sua recuperação foi tranquila, mas logo ele percebeu que suas congregações estavam

em situação preocupante. Alguns irmãos contaminados não podiam sair de casa para comprar comida, outros não tinham recursos para se manter e os serviços essenciais estavam inacessíveis em alguns lugares do distrito. Era hora de agir de maneira diferente. Por isso ele começou a arrecadar alimentos e itens essenciais para levar com seu carro de tração 4x4 às regiões mais afastadas.

Algo semelhante aconteceu com o pastor peruano Daniel Gordillo, de Lima, Peru. Depois de ter se recuperado da Covid-19, ele se dedicou mais intensamente às necessidades essenciais do rebanho. Ele se engajou na arrecadação de alimentos e conseguiu um caminhão para distribuí-los. Contudo, em algumas áreas estava proibido o trânsito de pessoas e veículos. Para não deixar os membros desamparados nessas regiões, Daniel conseguiu uma autorização especial das autoridades e levou os alimentos pessoalmente.

Daniel segue mantendo o distanciamento, garantindo que suas visitas transmitam somente as bênçãos de Deus. Por essa mesma razão, parte dos atendimentos de Altino acontece junto às porteiros dos sítios. Ali, à distância, ele deixa cestas básicas e mensagens de esperança.

Grupos especiais

Ainda que todos tenham sido afetados pela pandemia, algumas pessoas tiveram a vida completamente mudada e precisam de atenção diferenciada. Foi ao cuidado desses grupos que os pastores Paulo Alvarenga, do Mato Grosso do Sul, e Albert Azevedo, do Tocantins, se dedicaram de maneira especial.

Logo que as reuniões públicas começaram em sua cidade, Paulo percebeu que os idosos precisavam de cuidado peculiar. Eles eram resistentes à necessidade de isolamento social e tinham menos acesso aos cultos virtuais. Assim, eles se sentiram abandonados e esquecidos quando não puderam retornar aos cultos, por serem do grupo de risco.

Observando essa situação, o pastor reuniu a liderança e formulou uma estratégia de visitação, usando a estrutura da Escola Sabatina. Cada ancião é responsável por supervisionar algumas classes. Eles auxiliam o pastor no cuidado e na visitação aos membros, tendo como foco principal atender os mais idosos. Para evitar qualquer risco, eles oram e leem a Bíblia a distância com esses membros, nos portões das casas.

Iniciativa semelhante foi realizada pelo pastor Albert ao visitar a orientadora educacional da escola em que ele atua como capelão. Na época dessa visita, o clima da equipe escolar era de medo e tensão. Pessoas próximas haviam falecido e outras estavam contaminadas. Além disso, os professores estavam estressados com a mudança drástica de rotina causada pelo *home office*. Algo precisava ser feito para lembrar a todos que a vida prosseguia.

Albert aproveitou o fim do *lockdown* para retomar o hábito de celebrar os aniversariantes do mês. Respeitando as regras de distanciamento exigidas, munidos de máscaras, álcool em gel, balões e cartazes, ele e alguns funcionários da escola cantaram parabéns e oraram no portão da residência da orientadora. Vendo a reação positiva, o pastor continuou fazendo visitas nos portões, transmitindo paz aos que estão passando por tanto estresse.

Os resultados dessas visitas têm sido notáveis. Paulo disse que os idosos se sentem abraçados e os anciãos ficam mais motivados. Já Albert percebe que esses pequenos atos de afeto e cuidado têm ajudado a equipe escolar a enfrentar os desafios com mais ânimo e tranquilidade.

Novas oportunidades

Grande parte dos pastores têm estado apreensiva com as restrições provocadas pela pandemia. No entanto, os pastores Daniel Budal e Frederico Silva perceberam que, além das restrições, também há oportunidades.

Quando as reuniões públicas foram proibidas no interior do Paraná, o pastor Daniel ficou preocupado. Em seu primeiro ano nesse distrito, ele precisava de uma forma eficaz para guiar o rebanho. Por isso, decidiu que a visitação seria prioridade. Como os cultos estavam sendo transmitidos pela Associação, Daniel concentrou seus esforços na visitação aos membros do seu distrito de maneira segura. Ele se dirigia às casas sempre usando máscara e conversava com os membros em um ambiente externo por cerca de 20 minutos.

Todos os membros foram visitados três meses antes do planejado, e o pastor notou grande crescimento espiritual. Além disso, essas visitas ajudaram na retomada das reuniões públicas. Logo no primeiro culto os templos do distrito alcançaram a capacidade máxima permitida pelas leis municipais, algo incomum na região.

Já em Tucumán, Argentina, o pastor Frederico percebeu como Deus tem tocado os corações durante essa crise que assola o mundo. Enquanto atendia alguns membros, ele se sentiu impressionado ao passar pela casa de um irmão que não estava frequentando a igreja havia algum tempo. Ao chegar, foi recebido com muita alegria. Aquele irmão havia assistido a um sermão gravado e decidido não somente retornar à igreja, mas também devolver a Deus seus dízimos atrasados. Segundo Frederico, o Senhor tem usado toda essa situação para chamar de volta Seus filhos.

Adaptações a uma nova realidade

Aqui apresentamos pastores de diferentes regiões, funções e perfis que adaptaram a visitação à sua realidade. Fizeram e continuam a fazer o melhor dentro do que é seguro e permitido. Esses exemplos nos ajudam a perceber elementos que devem ser considerados no contexto atual. Entre eles, podemos destacar que é importante (1) ter uma linha de comunicação eficiente para atender casos que exijam atenção imediata; (2) visitar mais os grupos com necessidades recorrentes; (3) mobilizar a

liderança para ajudar no processo de visitação e cuidado dos membros; (4) tomar precauções sanitárias para não se tornar vetor de transmissão do vírus; e (5) manter um plano sistemático para visitar todos os membros.

Contudo, o mais importante é o que não mudou: o chamado do pastor para cuidar de sua comunidade por meio da visitação.

Cristo nos chamou para ser pastores. Hoje estamos passando por tempos de pandemia. Milhares viveram seu ministério sem passar por algo parecido, mas Deus nos escolheu para cuidar de Sua igreja nesses dias de doença e aflição. Ele nos chamou para visitar os membros durante essa crise. Fomos escolhidos para atuar como *episkopos* em tempos de isolamento social. Ainda que seja um grande desafio, o Espírito Santo nos capacitará. Portanto, cabe aqui lembrar: Cuidem de sua comunidade! **IV**

Referências

- ¹Castro de Araújo, Luís Fernando Silva e Daiane Borges Machado, "Impact of COVID-19 on mental health in a low and middle-income country", *Ciência & Saúde Coletiva* (on-line), v. 25, supl. 1, junho de 2020, p. 2457-2460.
- ²Center for Disease Control and Prevention, "Coping with Stress", disponível em <bit.ly/2CISLdf>, acesso em 21/7/2020.
- ³Johannes P. Louw e Eugene Albert Nida, *Greek-English Lexicon of the New Testament: Based on Semantic Domains*, 2ª ed. eletrônica (Nova York, NY: United Bible Societies, 1996), p. 541.
- ⁴Ibid., p. 462; Gerhard Kittel, Geoffrey William Bromiley e Gerhard Friedrich, *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964), seção *episkopos*.
- ⁵Ibid., p. 724; *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, 2ª ed. (São Paulo, SP: Vida Nova, 2000), p. 295-297.
- ⁶Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), p. 440.
- ⁷Ellen G. White, "Appeal and Suggestions to Conference Officers" (Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, 1893), p. 17-19.

BRUNO LOPES
pastor em Planaltina, DF



LUZ, CÂMERA, **SERMÃO**

Dicas para aperfeiçoar a
transmissão de cultos on-line



Um dos comportamentos mais impactados na pandemia da Covid-19 foi a forma de nos relacionarmos com a internet e o ciberespaço. O distanciamento social, a necessidade de ficar em casa, o medo do contágio e as consequências psicológicas resultantes dessa condição fizeram com que a internet se transformasse em um tipo de válvula de escape para tudo. De educação a entretenimento, passando por alimentação e relações humanas. Segundo reportagem do *The New York Times*,¹ o acesso a plataformas virtuais de entretenimento, comunicação, jogos e notícias teve um aumento exponencial de acessos, motivado pelas pessoas que buscaram soluções para atenuar os efeitos do seu estado de isolamento.

Essa relação de dependência da rede que, de fato, já existia, foi alçada a um *status* superior. Parece que estamos vendo acontecer o que Manuel Castells destacou no início da década passada, quando disse que a internet era “o tecido de nossas vidas”.² A pandemia fez com que esse tecido se enrijecesse e chegasse com muita força aos “órgãos” da sociedade que ainda engatinhavam no uso das ferramentas do ciberespaço. Entre eles, a igreja.

A incerteza causada pela doença e, posteriormente, pelos decretos governamentais que impediram as reuniões públicas, forçou as comunidades locais a uma adaptação para a qual, na maioria dos casos, não estavam preparadas. Nesse sentido, muitas se tornaram retransmissoras da programação produzida pela sede sul-americana da Igreja Adventista, por sedes regionais, ou ainda pela TV Novo Tempo, resolvendo, assim, o desafio do culto sabático. Contudo, isso não minimizou os obstáculos que surgiram relacionados ao vínculo dos membros com a igreja local.

A primeira ideia que muitas igrejas tiveram foi a de transmitir seus cultos. A Life.Church, plataforma internacional gratuita de transmissão de cultos, teve um aumento de mais de 400% nas suas transmissões no período da pandemia. No Brasil, a busca por cultos on-line também teve um aumento significativo.³

Acompanhando a tendência, diversas igrejas adventistas investiram tempo e recursos nessas transmissões. Algumas utilizando-se de equipamentos simples; outras com equipamentos sofisticados que eram usados antes da pandemia. No final de 2019, fui entrevistado pela revista *Comunhão* em uma matéria que considerava a Igreja do Unasp, *campus* São Paulo, uma das referências em transmissões de cultos no país.⁴ O foco do artigo era mostrar o que nos motivava a realizar a transmissão,

a tecnologia que usávamos, e também os resultados que obtínhamos. Na época, tínhamos mais de 30 mil inscritos em nosso canal, e uma audiência média de 1500 pessoas por culto. Atualmente, temos quase 70 mil inscritos,⁵ e uma audiência que chega a 10 mil pessoas por transmissão.

Ponto de partida

Diante desse exemplo, talvez um dos maiores da Igreja Adventista em todo o mundo, várias perguntas surgem a fim de entender o que nossa igreja tem feito para conquistar tamanha audiência. Começo com algo que considero um axioma: a transmissão on-line não visa criar uma igreja digital, mas levar o digital para a igreja. Ou seja, a transmissão de um culto deve ser um complemento do que já existe na igreja, e não a criação de uma nova igreja, em uma modalidade não presencial.

Por que considero importante esse pensamento? Por dois motivos. Primeiro, uma transmissão de culto, Escola Sabatina ou estudo bíblico deve refletir a realidade do que a igreja local já fazia antes da pandemia. Se antes já havia engajamento dos membros nos cultos, ministérios e eventos da igreja, o engajamento também acontecerá nessa nova realidade. Segundo, há o perigo de se planejar um culto distinto para o formato digital. No entanto, não devemos tratar como algo separado. A igreja é uma só, seja na internet ou no templo.

Partindo desses pressupostos, entendo que os líderes estão prontos para o desafio de levar o digital para sua igreja. Nesse processo, muitas vezes a tarefa se torna ainda mais complexa devido à diferença de gerações. David Kinnaman alerta para a necessidade de se responder à seguinte pergunta: “Como podemos seguir Jesus – e ajudar os jovens a segui-Lo fielmente –, em uma cultura em drástica e constante transformação?”⁶ Quando a igreja decide digitalizar algumas de suas atividades, usar as mídias sociais para dar suporte ao seu trabalho e praticar certo tipo de *media training*, podem acontecer conflitos geracionais entre jovens e líderes mais idosos. É preciso, no entanto, encontrar o equilíbrio para que as programações alcancem o público de maneira correta e cumpram seus objetivos.

Em relação ao *media training*, uma transmissão on-line demanda preparação especial daqueles que estarão em evidência. Por isso, os participantes devem não somente ter cuidado com a aparência, mas também com a forma de se portar diante dos equipamentos. É necessário se dirigir aos espectadores olhando sempre para as câmeras, demonstrando a importância dada a eles.

Dicas práticas

Após as primeiras considerações, a igreja deve partir para a ação. Alguns passos devem ser dados. São eles:

Tecnologia. Câmera de boa qualidade, conexão banda larga e iluminação apropriada são fundamentais, por mais simples que seja a transmissão. Sem esses elementos, minha dica é não realizá-la.

Cenário. O ambiente deve ser preparado para a transmissão. O visual da igreja para uma transmissão on-line tem as suas peculiaridades. Pense, portanto, no plano de fundo, nas cores e, mais uma vez, na melhor posição para iluminação.

Plataformas. É imprescindível que seja escolhida uma plataforma de transmissão aberta ao público. Nesse caso, o YouTube é a primeira opção. Além disso, o Facebook também é uma ótima opção pelo nível de presença das pessoas. Embora o número de usuários do Instagram tenha crescido durante a pandemia, esse aplicativo não é a melhor opção para a transmissão de eventos. Existem softwares que gerenciam a transmissão em múltiplas plataformas. Infelizmente, porém, as melhores ferramentas não são gratuitas. Portanto, verifique as condições financeiras de sua igreja antes de planejar uma transmissão em mais de uma plataforma simultaneamente.

Identidade visual. Crie ou evidencie a identidade visual da igreja tanto nas transmissões quanto na divulgação dos eventos. Escolha uma paleta de cores adequada e um *design* padrão para as postagens que deve ser replicada na transmissão também. Isso dará um senso de profissionalismo ao trabalho.

Apoio nas mídias sociais. A busca por uma transmissão de sucesso de audiência e com engajamento deve ser apoiada pelas mídias sociais da igreja. Faça uma campanha prévia para que os membros da congregação se tornem seguidores das mídias da igreja, bem como compartilhadores dos conteúdos.

Planejamento de postagens. As mídias sociais devem ser geridas seguindo um rígido padrão de planejamento de

postagens em apoio às programações que acontecerão on-line. Esse planejamento deve incluir o agendamento prévio dos eventos, tanto no Youtube quanto no Facebook, pois estes ficarão em evidência para os seguidores. Não se esqueça de que tudo deve seguir os padrões de identidade visual. Uma sugestão é que as mídias tenham postagens diárias que culminem nos cultos transmitidos. Portanto, escolha temas para cada dia e crie um calendário dessas postagens. Por exemplo, mensagem pastoral na segunda-feira, verso bíblico na terça, mensagem de algum ministério na quarta, lembranças de eventos antigos na quinta e mensagem de preparação na sexta. Faça seu próprio calendário de postagens de acordo com a realidade de sua igreja.

Os itens mencionados são muito importantes. Mas nada é tão importante quanto o conteúdo. Na internet existe um jargão: “o conteúdo é rei”. Mas, o que seria um bom conteúdo para um culto? Já não temos uma mensagem importante?

Um culto, ou qualquer outro evento eclesialístico transmitido, deve primar pela qualidade. O tema do sermão, a mensagem musical e a pregação devem ser bem escolhidos e apresentados. A programação poderá ter um grande alcance se for realizada com excelência, mas pode ter uma repercussão negativa se tiver erros importantes.

Na Igreja do Unasp-SP, Gilson Grütner, pastor titular, Robson Góes e Renato Prandi, pastores auxiliares, têm apresentado conteúdos relevantes tanto nos cultos quanto nas classes bíblicas que a igreja tem mantido durante este período. A escolha de temas escatológicos foi estratégica e chamou atenção do público para assuntos de interesse relacionados ao momento pelo qual o mundo está passando. Para se ter uma ideia, algumas programações realizadas pela igreja já tiveram mais de meio milhão de visualizações!

Conteúdo relevante, bem preparado e apresentado move as pessoas a tomar decisões. Pessoas foram batizadas como

resultado das transmissões. A grande quantidade de interessados em aprender mais sobre a Bíblia e se firmar na igreja motivou, por exemplo, a realização de classes bíblicas por videoconferência e também uma série de sermões nos cultos de quarta-feira com ênfase nas doutrinas adventistas.

Finalmente, por mais que haja a necessidade de uma preparação diferente do culto presencial, não se deve considerar o culto transmitido como algo diferente. Não temos que criar uma igreja versão digital. Um culto on-line deve ser uma apresentação adaptada para a internet do que a igreja já fazia, porém com engajamento e alcance muito maior. Uma boa transmissão reflete uma igreja viva, atuante e fiel ao chamado de pregar o evangelho, alcançando, de fato, os confins da Terra! **TM**

Referências

¹ Ella Koeze e Nathaniel Popper, “The Virus Changed the Way We Internet”, *The New York Times*, disponível em <nyti.ms/32f0s59>, acesso em 14/7/2020.

² Manuel Castells, *A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade* (Rio de Janeiro: Zahar, 2003), p. 7.

³ Segundo o Google Trends, as buscas por cultos on-line tiveram um aumento repentino no início da pandemia de mais de 3300%. O relatório com mais detalhes da busca pelo termo nos últimos 12 meses pode ser acessado em <bit.ly/32d4FXb>, acesso em 14/7/2020.

⁴ R. Ramos, “Igrejas Antenas na Rede”, *Comunhão*, ed. 266, p. 28-31.

⁵ O objetivo do departamento de marketing e comunicação da igreja do Unasp-SP é chegar a 100 mil inscritos no canal do YouTube até o fim de outubro de 2020.

⁶ David Kinnaman, *Geração Perdida: Por que os jovens estão abandonando a igreja e repensando a fé* (Pompeia, SP: Universidade da Família, 2014).

⁷ O sermão “O Abalo das Potestades do Céu no Final do Sexto Selo”, pregado pelo pastor Gilson Grütner, foi visto por mais de 548 mil pessoas, sendo o vídeo mais acessado do canal da igreja do Unasp-SP. Está disponível em <youtu.be/vRs6YkqowHs>.

FÁBIO BERGAMO

professor universitário e diretor do departamento de Comunicação da Igreja do Unasp-SP



MINISTÉRIO DO SERVIÇO

A influência
espiritual do
diaconato



Nerivan Silva

No início do último trimestre do ano, nas igrejas adventistas, forma-se a comissão de nomeações. Sua atribuição é indicar pessoas para os diversos departamentos por um período de um ou dois anos, conforme estabelecido no *Manual da Igreja*. Entre estes, está o diaconato. Em muitos lugares, as funções dos diáconos e das diaconisas ficaram restritas ao recolhimento dos dízimos e ofertas e aos preparativos e serviço da Santa Ceia. Além disso, algumas vezes, quando alguém, por alguma razão, fica sem cargo, é sugerido que essa pessoa ocupe um lugar no diaconato. Essa postura em relação à importância do cargo levanta duas

questões: O que é o diaconato? Quem é o diácono?

O livro de Atos registra a nomeação dos primeiros diáconos na igreja apostólica. “Então, os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servirmos às mesas. Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço” (At 6:2, 3).

Na igreja apostólica, três aspectos foram fundamentais na nomeação dos diáconos: boa reputação, dotação do Espírito Santo e sabedoria (v. 3). Os indicados para

a função tiveram a aprovação da igreja de que eram pessoas de profunda experiência espiritual.

Estêvão

Entre os sete nomeados para o diaconato encontrava-se Estêvão. Seu nome significa “coroa”, “grinalda” e “louros da vitória”! Ele é descrito como um “homem cheio de fé e do Espírito Santo” (At 6:5). Além disso, era “judeu de nascimento, falava a língua grega e estava familiarizado com os usos e costumes dos gregos.”² Para o desempenho de suas tarefas, os diáconos receberam a imposição das mãos (At 6:6). Isso indica que o diaconato abrange aspectos espirituais.

Estêvão deixou sua marca na história da igreja apostólica como um defensor fervoroso e inflexível da fé cristã. “Levantaram-se, porém, alguns dos que eram da sinagoga chamada dos Libertos, dos Cireneus, dos alexandrinos e dos da Cilícia e Ásia, e discutiam com Estêvão; e não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito, pelo qual ele falava” (At 6:9, 10). Isso implica conhecimento da história de Israel e das profecias messiânicas.

Lucas, em seu relato, deixou claro que Estêvão foi além de servir às mesas na igreja. Como diácono, ele foi um evangelista e desenvolveu forte liderança espiritual. Consequentemente, também

Diáconos e diaconisas

No Antigo Testamento, Deus designou os levitas como os responsáveis pela estrutura e manutenção dos serviços do santuário (Nm 1:50-53; 1Cr 15:1, 2). Sua função estava ligada à vida espiritual desses oficiais. Eles trabalhavam em contato com o sagrado, isto é, manuseavam os móveis e vasos sagrados do templo.

Em se tratando do funcionamento da igreja, os diáconos têm atividades semelhantes às dos levitas. Portanto, “a igreja deve escolher para o diaconato pessoas espiritualmente qualificadas e profundamente comprometidas com o ministério do serviço. Por isso, a seleção de diáconos

Casa do Senhor. No entanto, seu papel também implica liderança espiritual. Isso demanda comunhão com Deus e Sua Palavra. Por isso no dia a dia da igreja, eles devem ser vistos como referência de espiritualidade.

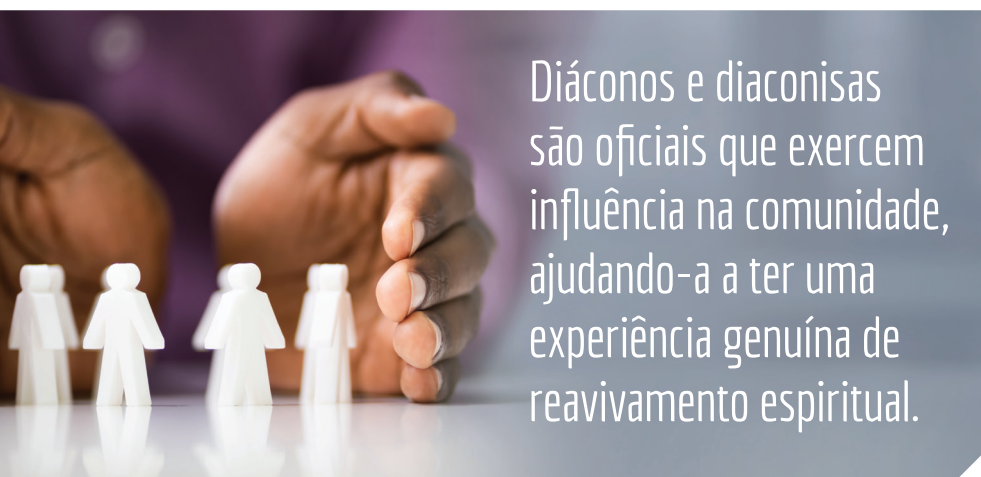
De fato, antes do “fazer”, diáconos e diaconisas devem “ser”, isto é, suas atividades na igreja devem refletir espiritualidade autêntica. Homens e mulheres que mantêm comunhão diária com Deus desempenharão suas atividades com critérios nobres, sabedoria, compromisso e excelência. A vida deles será um padrão de boas obras.

Ministério espiritual

Cristo disse à mulher samaritana: “Quem beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que Eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que Eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna” (Jo 4:13, 14). Para que um cristão exerça influência espiritual sobre outras pessoas, ele deve estar ligado à fonte. Nesse caso, Jesus Cristo. Ninguém dá o que não tem.

Ao longo do ano, a igreja tem várias atividades que fazem parte do calendário eclesial: cultos, semanas de oração, cerimônias, programações e eventos, entre outras. Diáconos e diaconisas podem auxiliar os ministérios da igreja nessas diversas atividades. Por exemplo, durante uma semana de oração, o diaconato pode ajudar na visita aos membros da igreja e também aos interessados que estão assistindo à programação. Além disso, pode prestar assistência aos enfermos e idosos.

Em uma série evangelística, estudos bíblicos podem ser ministrados por diáconos e diaconisas. Pessoas podem se tornar membros da igreja pela ação missionária do diaconato. Mas tudo isso está vinculado à vida espiritual desses oficiais da igreja. Assim, eles ocupam um espaço que vai além das atividades que convencionalmente têm feito.



Diáconos e diaconisas são oficiais que exercem influência na comunidade, ajudando-a a ter uma experiência genuína de reavivamento espiritual.

se tornou o primeiro mártir da igreja apostólica (At 7:58, 59). Ellen White escreveu: “O martírio de Estêvão causou profunda impressão em todos os que o presenciaram. A lembrança da aprovação de Deus em seu rosto e suas palavras que tocaram o coração dos que as ouviram permaneceram na mente dos espectadores e testificaram da verdade que ele havia proclamado. Sua morte foi uma dura prova para a igreja, mas resultou na convicção de Saulo, que não conseguiu apagar de sua memória a fé e a firmeza do mártir e a glória que resplandeceu em seu rosto.”³

De fato, o homem que servia às mesas se demonstrou um líder na igreja cuja marca principal foi sua profunda comunhão com Deus.

e diaconisas é uma das mais importantes incumbências da igreja.¹⁴

Embora Lucas e Paulo tenham enfatizado o trabalho dos diáconos (ver At 6:1-6; 1Tm 3:8-13), o cristianismo apostólico também deu testemunho de mulheres que praticaram a *diakonia* em favor de suas comunidades (Fp 4:2, 3; Rm 16:1, 2). É provável que Paulo tenha enviado sua carta aos Romanos por intermédio da irmã Febe, que estava indo de viagem para Roma.

A função dos diáconos e diaconisas é muito importante na igreja. Suas atribuições no serviço de adoração (ofertório, organização), nas cerimônias (batismo, Santa Ceia) e em outras ocasiões são relevantes para o bom funcionamento da

O pastor e o diaconato

Como líder principal, o pastor tem papel importantíssimo a desempenhar no apoio e acompanhamento aos ministérios da igreja. As atividades e atribuições do diaconato estão muito próximas do ministério pastoral. Por exemplo, a visitação, o serviço de adoração e as cerimônias da igreja.

O pastor deve fortalecer o diaconato em sua igreja por meio de um ministério ativo em favor desses líderes. Isso pressupõe que esse grupo precisa ser visitado e orientado pelo líder maior. No apoio aos ministérios da igreja, o papel do pastor tem uma dimensão dupla: espiritual e pedagógica.

Na primeira, ele apascenta. Os homens e as mulheres que compõem o diaconato exercem influência espiritual e também são ovelhas que carecem de alimento espiritual. Eles têm necessidades e atravessam crises pessoais e familiares. Os dias difíceis que marcam nosso tempo têm atingido de forma contundente os membros da igreja. Muitos deles perderam o emprego, vivenciam conflitos conjugais, sofrem o drama de relacionamentos fragilizados ou lidam com questões econômicas e financeiras. Portanto, necessitam de condução espiritual. É nesse cenário que entra a figura do pastor para orientar e acompanhar o rebanho (Sl 23:4). Apascentar toda essa gente deve ser a função prioritária do pastor.

Na segunda dimensão, o pastor cumpre uma tarefa pedagógica. O ensino faz parte do ministério pastoral. Em toda a Bíblia, o ensino era uma das funções dos líderes espirituais (Êx 18:19, 20; Dt 24:8; 2Rs 17:27; At 15:35; 1Tm 3:2; Tt 2:7, 8). As pessoas precisam ser ensinadas quanto aos princípios espirituais, mas também devem ser capacitadas para desempenhar suas funções na obra de Deus.

Os membros da igreja, com seus diversos dons (1Co 12:4-11; Ef 4:11, 12), necessitam ser ensinados a trabalhar. Ellen White escreveu: “O que agora se necessita para a edificação de nossas igrejas é do aprazível

trabalho de obreiros sábios para discernir e desenvolver talentos na igreja – talentos que possam ser preparados para o uso do Mestre. [...] São necessárias instrução e educação. [...]

“Muitos teriam boa vontade de trabalhar, se lhes ensinassem a começar. Esses necessitam ser instruídos e animados. Toda igreja deve ser uma escola missionária para obreiros cristãos. Seus membros devem ser instruídos em dar estudos bíblicos, em dirigir e ensinar classes da Escola Sabatina, na melhor maneira de auxiliar os pobres e cuidar dos doentes e de trabalhar pelos não convertidos.”⁵

Nessa declaração de Ellen White, algumas atividades diretamente relacionadas ao diaconato estão incluídas. “Os diáconos e diaconisas são encarregados de auxiliar os doentes, pobres e infelizes e devem manter a igreja informada de suas necessidades e obter o apoio dos membros.”⁶ O *Guia para Diáconos & Diaconisas*, no capítulo 8, contém uma exposição metódica, inclusive com sugestões, de como essas atividades podem ser realizadas.

Na dimensão pedagógica, o pastor cumpre um papel fundamental. Por meio de seminários de capacitação e da visitação aos membros em companhia de diáconos e diaconisas, o pastor pode formar um diaconato eficiente que será de grande apoio ao seu ministério.

Conclusão

Liderança compartilhada é um princípio bíblico de ação. “Solenes são as responsabilidades que pesam sobre os que são chamados a atuar como líderes da igreja de Deus na Terra. Nos dias da Teocracia, quando Moisés estava procurando levar sozinho fardos tão pesados que logo sucumbiria sob o peso deles, foi aconselhado por Jetro a fazer planos para uma sábia distribuição de responsabilidades.”⁷

A atuação do diaconato na igreja é um suporte indispensável para o ministério pastoral. O ministro precisa supervisionar um conjunto de igrejas, muitas vezes,

distribuídas ao longo de uma área geográfica mais ampla. Cada igreja tem suas peculiaridades que envolvem pessoas, necessidades específicas e questões administrativas. Por isso, é fundamental que haja uma equipe de líderes que dê apoio ao ministério do seu pastor. Tais líderes devem ter essa consciência, pois “a ideia de que o pastor deve levar toda a carga e fazer todo o trabalho é um grande engano”⁸. A liderança da igreja, em Jerusalém, teve essa visão.

Portanto, a função do diaconato não está restrita somente ao recolhimento dos dízimos e das ofertas. Tampouco se restringe aos cuidados com a ordem e os aspectos físicos da igreja. Trata-se de uma função altamente espiritual. Tanto é assim que o exercício dela requer o ato da ordenação (At 6:6). O apóstolo Paulo, ao descrever as qualificações dos líderes da igreja, uniu o anciano e o diaconato no mesmo bloco (1Tm 3:1-13). Diáconos e diaconisas são oficiais que exercem influência na comunidade, ajudando-a a ter uma experiência genuína de reavivamento espiritual. **IV**

Referências

¹ Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), v. 6, p. 184.

² Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 97.

³ Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 101.

⁴ Divisão Sul-Americana da IASD, *Guia para Diáconos & Diaconisas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019), p. 26.

⁵ Ellen G. White, *Serviço Cristão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 58, 59.

⁶ Associação Geral da IASD, *Manual da Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 81.

⁷ Divisão Sul-Americana da IASD, *Guia para Diáconos & Diaconisas*, p. 20.

⁸ Ellen G. White, *Serviço Cristão*, p. 68.

NERIVAN SILVA

editor da *Revista do Ancião*, na Casa Publicadora Brasileira



ENTRE O CAMPO E A CIDADE

Uma análise dessa
aparente contradição nos
escritos de Ellen White

Walter Alaña

Ao estudar os escritos de Ellen White, é possível dizer que existe contradição entre a instrução para deixar as cidades e a exortação para empreender uma evangelização urbana mais intensiva? É necessário ter cautela para lidar com esse tema e considerar as orientações dentro de seu contexto original. Ela relaciona o término da proclamação da terceira mensagem angélica com o fechamento da porta da graça, indicando que, quando o povo de Deus concluir a pregação do evangelho sob o poder da chuva serôdia, será capaz de resistir ao teste final. Em *O Grande Conflito*, Ellen White declarou: "Quando se encerrar a mensagem do terceiro anjo, a misericórdia não mais pleiteará em favor dos culpados habitantes da Terra. O povo de Deus terá cumprido sua obra. Recebeu a 'chuva serôdia', o 'refrigério pela presença do Senhor', e está preparado para a hora probante que está diante dele."¹

À luz dessa declaração, pode-se dizer que a melhor preparação para enfrentar a última crise é estar capacitado para participar da proclamação final. A pregação do evangelho é o único sinal do tempo do fim no qual o povo de Deus tem participação direta (Mt 24:14).

Continuamente, Ellen White incentivou os diferentes níveis eclesiásticos e as várias instituições da igreja a manter esse foco missionário, a fim de cumprir fielmente seu papel no cenário do tempo do fim. Suas diversas declarações sobre o estilo de vida dos adventistas do sétimo dia devem ser lidas e compreendidas dentro desse contexto.



Contradição aparente

À primeira vista, parece haver uma contradição entre as declarações de Ellen White sobre as cidades.² Por um lado, há um conjunto de declarações em que ela promove a vida no campo como ideal; por outro lado, existem várias referências nas quais ela expressa grande preocupação com a evangelização dos centros urbanos.

A autora declarava repetidamente que o ideal de Deus para Seu povo é que ele viva em contato direto com a natureza. Por isso, aconselhava-o a deixar os centros urbanos, a mudar-se para áreas rurais e a aproveitar os benefícios da vida campestre. E quais seriam esses benefícios? Para ela, o campo proporciona o ambiente ideal para a educação dos filhos,³ promove o amadurecimento de uma espiritualidade autêntica,⁴ contribui para o desenvolvimento integral de todas as faculdades,⁵ pode ser uma solução para a pobreza⁶ e serve como medida de proteção contra os juízos divinos que cairão sobre as cidades.⁷

Contudo, a partir da última década do século 19, Ellen White começou a enfatizar a importância de proclamar a tríplice

mensagem angélica nas grandes cidades de seu tempo, uma ênfase que ela manteve até o fim de seu ministério. Por mais de 20 anos, a líder destacou que a missão urbana ocupa um lugar especial na estratégia divina para evangelizar o mundo: “A mensagem que me é ordenado dar ao nosso povo neste tempo é: Evangelizem as cidades sem demora, porque o tempo é curto.”⁸

Assim, Ellen White considerava essa obra prioritária e urgente. Em 1910, num discurso feito em Mountain View, Califórnia, ela reafirmou a importância dessa questão. “Poucos ministros estão realizando um trabalho intensivo nesses centros maiores, onde milhares de pessoas precisam das verdades salvadoras que temos que proclamar. Os meios que deveriam ser usados para levar a mensagem às cidades parecem ter sido levados e usados onde talvez não devessem estar. Mas onde é vista uma preocupação em favor dessas cidades que há muito são apontadas como locais que devem ser trabalhados sem demora? Quem assumirá a responsabilidade dessa obra?”⁹

Solução divina

Ao revisar os escritos de Ellen White, encontramos um conceito que parece nos ajudar a articular as mensagens em que ela aconselha deixar as cidades e seus chamados para realizar evangelismo urbano intensivo. Os “centros” ou “postos avançados” surgem como uma solução divina para essa aparente contradição.

Ela afirmou: “Devemos elaborar sábios planos para advertir as cidades e, ao mesmo tempo, morar onde possamos proteger nossos filhos e a nós mesmos das influências contaminadoras e corruptoras que nelas tanto prevalecem.”¹⁰ Nesse sentido, propôs a seguinte estratégia: “Devese fazer o trabalho nas cidades partindo dos *postos avançados*. Disse o mensageiro de Deus: ‘Não serão advertidas as cidades? Sim; não porque o povo de Deus reside nelas, mas ao visitá-las para adverti-las do que está para sobrevir à Terra.’”¹¹

Quanto às instituições adventistas, Ellen White ressaltou: “Repetidamente nos vem o Senhor instruindo que devemos fazer o trabalho nas cidades partindo de *centros avançados*. Nessas cidades,

devemos ter casas de culto, como memoriais de Deus, mas as instituições para a publicação de nossa literatura, para a cura dos enfermos e para o preparo de obreiros devem ser estabelecidas fora das cidades. É especialmente importante que nossos jovens sejam protegidos das tentações da vida urbana.¹²

Observe que, geralmente, as diferentes instituições da igreja na área de educação, saúde e publicações deveriam ser *postos avançados* localizados fora das cidades. Mesmo as famílias adventistas deveriam viver distantes dos grandes centros, visitando-os para alertar seus moradores do perigo iminente. Outro ponto interessante é que essas famílias deveriam gerar empreendimentos que beneficiassem a si mesmos e aos outros.¹³

Parece razoável crer que a aparente contradição entre a orientação divina de viver no campo e a relacionada à evangelização das cidades é resolvida quando os membros da igreja entendem que devem procurar fixar sua residência fora das grandes cidades, mas, ao mesmo tempo, desenvolver estratégias para pregar-lhes o evangelho, assim como fez Enoque.¹⁴

A importância de evangelizar as cidades fica evidente nas muitas orientações de Ellen White. Monte Sahlin revisou 107 artigos de periódicos nos quais ela se refere às cidades, dos quais 24 enfatizam a importância de deixar áreas urbanas, 75 aconselham a mobilização para o evangelismo nas cidades e 8 criticam as condições de vida nos grandes centros.¹⁵

Definição de “campo”¹⁶

O chamado inicial para deixar as cidades não é ir a lugares distantes e isolados. Em vez disso, os adventistas são aconselhados

a se estabelecer em cidades (*towns*) ou vilas (*villages*). Isso é evidenciado na seguinte declaração: “Irmãos que desejem mudar de lugar, e que tenham em vista a glória de Deus, e sintam que pesa sobre eles uma responsabilidade individual de fazer bem aos outros, beneficiando e salvando pessoas por quem Cristo não poupou Sua preciosa vida, devem mudar-se para cidades pequenas [*towns*] e vilas [*villages*] onde exista pequena ou nenhuma luz, e possam ser de real utilidade, beneficiando outros com seu labor e sua experiência. Necessitam-se missionários que vão a cidades [*towns*] e vilas [*villages*] erigindo aí a bandeira da verdade.”¹⁷

Nesse ponto, é necessário esclarecer que Ellen White usava três termos para se referir às cidades: (1) Município/cidade (*city*), geralmente se refere a um espaço urbano com alta densidade populacional, no qual predominam o comércio, a indústria e os serviços. (2) Cidade (*town*), indica uma população menor, mas com limites claramente estabelecidos e prefeitura local. (3) Vila (*village*), denota uma pequena comunidade em área rural.¹⁸

Ao ler seus escritos, é importante considerar essa distinção para entender que, desde o início, o chamado para deixar as cidades incluía um claro foco evangelístico, conforme observado nesta declaração de 1891: “Há ao nosso redor cidades [*cities*] e vilas [*towns*] onde não se está fazendo esforço nenhum para salvar pessoas. Por que não haveriam de se estabelecer nesses lugares famílias conhecedoras da verdade presente para ali hastear a bandeira de Cristo, trabalhando com humildade, não à sua maneira, mas segundo a maneira de Deus, para proporcionar a luz àqueles que dela não têm conhecimento?”¹⁹

Além disso, Ellen White sugeriu uma possível distância que deveria existir entre a localização dos centros avançados e a cidade a ser alcançada com o evangelho. Em 1902, ela aconselhou: “Dessa forma, embora estejamos distantes das cidades [*cities*] trinta ou quarenta quilômetros, seremos capazes de alcançar o povo [...] Deus realizará maravilhas por nós se, com fé, cooperarmos com Ele.”²⁰

Observando essas orientações de maneira equilibrada, podemos concluir que ela não estabelece regras sobre locais de residência para famílias adventistas. Também é importante destacar que sua definição de campo não era específica. O que é campo para uma família não é necessariamente para outra. Fatores como antecedentes familiares, necessidades educacionais das crianças, disponibilidade de emprego e oportunidades para cumprir a missão devem ser considerados.

Deve-se notar ainda que ela não aconselha os movimentos rápidos nem a concentração de muitos adventistas em um só lugar,²¹ mas insiste na importância de cada família gastar tempo buscando a direção de Deus e segui-la, ao dizer: “Nenhuma mudança deve ser feita sem que tal passo e tudo o que ele implica sejam cuidadosamente considerados – tudo pesado. [...] A todo homem é dada sua obra segundo a sua variada aptidão. Então, que ele não se mude hesitantemente, mas com firmeza, confiando humildemente em Deus. Pode haver indivíduos que façam tudo precipitadamente e entrem em algum negócio de que nada sabem. Deus não exige isso. Pensem com simplicidade, de maneira piedosa, estudando a Palavra de Deus com



todo o cuidado e devoção, tendo o espírito e o coração despertos para ouvir a voz de Deus."²²

Hora de partir

Ellen White exorta o povo de Deus a deixar as cidades, mas essa partida deve ser progressiva. A princípio, a mudança deve ser de grandes centros para cidades menores. Em relação a essa primeira saída, ela adverte: "Repetidas vezes o Senhor tem dado instruções de que nosso povo deve tirar suas famílias das cidades [cities] para o campo, onde poderão cultivar seu próprio mantimento; pois no futuro o problema de comprar e vender será bem sério. Devemos começar, agora, a atender às instruções que frequentemente nos têm sido dadas: 'Saíam das cidades [cities] para as zonas rurais, onde as casas não são aglomeradas, e onde vocês estarão livres da interferência dos inimigos.'"²³

Ela também indica que chegará o momento de fugir. Primeiro, dos grandes centros às cidades menores. A última oportunidade de fazer essa mudança será quando a lei dominical for promulgada nos Estados Unidos. Em suas palavras, "Como o cerco de Jerusalém pelos exércitos romanos era o sinal de fuga para os cristãos judeus, assim o apropriar-se nossa nação [Estados Unidos] o poder no decreto que torna obrigatório o dia de repouso papal será uma advertência para nós. Será então tempo de deixar as grandes cidades, passo preparatório ao sair das menores para lares retirados em lugares solitários entre as montanhas."²⁴

Posteriormente, os fiéis terão que deixar os centros menores e fugir para áreas

remotas e pouco povoadas. Os adventistas reconhecerão que esse momento chegou quando um decreto de morte for emitido contra eles. "Quando o decreto promulgado pelos vários governantes da cristandade contra os observadores dos mandamentos lhes retirar a proteção do governo, abandonando-os aos que lhes desejam a destruição, o povo de Deus fugirá das cidades e vilas e se reunirá em grupos, habitando nos lugares mais desertos e solitários."²⁵

Conclusão

Ao considerar essas orientações, podemos afirmar que há conselhos suficientes para tomar decisões sábias. Ellen White diz: "É a própria essência de toda fé correta fazer a coisa certa na hora certa."²⁶ Chegou, portanto, a hora de deixar as cidades? Chegou a hora de dar passos de fé em direção ao ideal de Deus.

A Bíblia ensina que toda vez que um filho de Deus decide dar passos de fé em obediência à direção divina, experimenta o cumprimento das promessas do Senhor (Js 21:43-45). Isso contribui para o pleno desenvolvimento de seu caráter (santidade); enquanto cresce progressivamente na capacidade de proclamar a tríplice mensagem angélica (missão), aspectos que constituem a preparação essencial para o breve encontro com Jesus. **M**

Referências

¹ Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 613.

² Ver Allan Novaes e Wendel Lima, "Country Versus City Tension: Historical and Socio-religious Context of the Development of Adventist Understanding of Urban Mission", *Journal of Adventist Mission Studies* 15, n. 1 (2019): 52-71.

³ Ellen G. White, *Vida no Campo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 20, 21.

⁴ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), v. 2, p. 356.

⁵ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), v. 4, p. 136.

⁶ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 190.

⁷ Ellen G. White, *Vida no Campo*, p. 45, 46.

⁸ Ellen G. White, *Ministério Para as Cidades* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 23.

⁹ Manuscrito 9, 27 de janeiro de 1910.

¹⁰ Ellen G. White, *Vida no Campo*, p. 46.

¹¹ *Ibid.*, p. 44.

¹² *Ibid.*, p. 45.

¹³ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 183, 184, 193, 194.

¹⁴ Ellen G. White, *Vida no Campo*, p. 44, 45.

¹⁵ Monte Sahlin, *Mission in Metropolis: The Adventist Movement in an Urban World* (Lincoln, NE: Center for Creative Ministry, 2007), p. 16.

¹⁶ Algumas ideias dessa seção foram extraídas de Arthur L. White e E. A. Sutherland, *Da Cidade Para o Campo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019), p. 5-63.

¹⁷ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), v. 2, p. 115.

¹⁸ Ver Shundalyn Allen, "City, Town, and Village – What's the Difference?", <bit.ly/2NXorh7>, acesso em 24/5/2020.

¹⁹ Ellen G. White, *Ministério Para as Cidades*, p. 92, 93.

²⁰ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), v. 7, p. 79.

²¹ Ellen G. White, *Conselhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), p. 61.

²² Ellen G. White, *Vida no Campo*, p. 38, 39.

²³ *Ibid.*, p. 15.

²⁴ *Ibid.*, p. 47.

²⁵ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 626.

²⁶ Ellen G. White, *Notas Biográficas de Elena G. de White* (Buenos Aires: Aces, 2014), p. 366.

WALTER ALAÑA

diretor da Faculdade de Teologia da Universidade Peruana União



FÉ E AÇÃO

Lições da experiência de Neemias sobre resolução de conflitos

Ricardo Norton

O conflito é um intruso que passou a fazer parte do planeta algum tempo depois da semana da criação. O mundo era perfeito e harmonioso, até que Satanás, enganando nossos primeiros pais, semeou decepções, inimizades e contendas. Hoje, tanto a história quanto as ciências biológicas, políticas e sociais testemunham a natureza conflituosa do mundo em que vivemos. A prevalência de conflitos em nosso cotidiano fez com que fossem considerados algo “natural, inevitável, necessário e normal”.¹

As consequências negativas do conflito são inegáveis. Nosso desafio é enfrentá-las. Este artigo analisa como Neemias superou as dificuldades que envolviam os judeus em Jerusalém durante os dias do império persa. Ele enfrentou simultaneamente vários problemas: a grande quantidade de judeus casados com mulheres pagãs; a restauração dos muros de Jerusalém, com suas respectivas portas; a transgressão do sábado por parte dos comerciantes; a injustiça social, opressão dos pobres e ganância; a paralisação do serviço do templo e as

ameaças de seus inimigos. Sua história nos apresenta lições úteis para encarar com sucesso os conflitos atuais.

Enfrentando conflitos

Dependência de Deus. Em alguns aspectos, a reação de Neemias ao conflito foi semelhante à de Esdras, seu contemporâneo. Como sacerdote, Neemias, vendo a difícil situação do povo, também chorou, jejuou e orou (Ne 1:4; 2:2, 4; 4:4). No entanto, em outros aspectos, ele era muito diferente de Esdras. Diante da destruição de Jerusalém e do afastamento do povo em relação aos princípios divinos, o sacerdote arrancou os cabelos e a barba. Por sua vez, Neemias começou a arrancar os cabelos e a barba dos desobedientes! Nos tempos bíblicos, esse ato expressava raiva, insulto e desprezo (2Sm 10:4; Is 50:6).

Liderança autoritativa. Uma análise da linguagem de Neemias o apresenta como um líder que dava ordens diretas (por exemplo, Ne 7:3; 13:25). Deve-se notar que, apesar de vir da mesma raiz etimológica, as palavras autoritativa e autoritária expressam diferentes posturas de liderança.²

O líder autocrático lidera por si mesmo e toma decisões sem consultar. O líder autoritativo lidera com base na autoridade recebida pelo povo, depois que este verifica sua eficiência e seu desejo de buscar o bem-estar de todos.

Na maioria dos desafios relatados em seu livro, Neemias é conhecido por ter exercido liderança autoritativa; pois o povo o ouvia e lhe obedecia voluntariamente. Contudo, no caso dos casamentos mistos, fica claro que ele foi autoritário, devido à persistência dos judeus em cometer esse pecado.

Organização detalhada. A desorganização tem o potencial de agravar os conflitos. A capacidade organizacional de Neemias pode ser vista desde o início do livro. Considerando as circunstâncias que enfrentaria durante sua missão, ele pediu ao rei cartas que o autorizassem a atravessar territórios de outros governadores do império e lhe dessem madeira para a restauração da cidade de Jerusalém.

Depois de concluir o trabalho de reedificação dos muros e portões, o governador passou a nomear líderes e delegar



responsabilidades específicas para o funcionamento eficaz da cidade. A maneira de dedicar o muro, organizada, com coros, música e sacrifícios de animais, também mostra a grande capacidade organizacional de Neemias.

O resultado

Restauração dos muros em tempo recorde. Concluir a reconstrução dos muros de Jerusalém em 52 dias, após 70 anos de sua destruição, foi algo surpreendente, considerando seu comprimento, altura e espessura.³ Além da rapidez com que os muros foram refeitos, o trabalho foi realizado com voluntários e sob a constante ameaça de inimigos armados que se opunham à sua restauração (Ne 6:15). Essa conquista administrativa deu a Neemias a reputação de ser um dos líderes mais destacados e hábeis do Antigo Testamento na administração de conflitos.⁴

Abolição da usura. Ouvindo o clamor do povo (Ne 5:1) e conhecendo os abusos financeiros cometidos contra os membros pobres da mesma família espiritual, Neemias ficou furioso e foi obrigado a tomar

decisões drásticas para aliviar a fome e as necessidades das pessoas. Ele instou os credores a renunciar aos juros de empréstimos que haviam concedido, o que eles fizeram imediatamente.

Reformas religiosas. Concluída a reconstrução do muro, Neemias concentrou-se no desenvolvimento de reformas religiosas, a fim de levar os israelitas à comunhão com Deus e aos princípios que o Criador estabeleceu nas Escrituras Sagradas. Um dos primeiros passos foi organizar um serviço religioso para a dedicação do muro.⁵

Esse serviço exigia a participação de levitas e cantores que haviam sido obrigados a deixar o templo e voltar para suas casas. Neemias os trouxe de volta a Jerusalém para organizar coros e fazer parte da cerimônia de dedicação, que incluía o sacrifício de animais (Ed 12). Além disso, o governador expulsou Tobias do santuário, jogando fora todos os seus bens e restaurando a fidelidade nos dízimos, para que os levitas fossem restabelecidos em suas funções religiosas (Ne 13:1-13).

Observância do sábado. O serviço do santuário e a adoração a Deus estavam

intimamente relacionados com a observância do sábado, que era semanalmente transgredida pelo comércio entre habitantes locais e estrangeiros, que traziam seus produtos em animais para vendê-los na cidade. A solução prescrita por Neemias foi fechar as portas antes do pôr do sol na sexta-feira até depois do pôr do sol no sábado.

Para garantir que não houvesse comércio no sétimo dia, ele colocou alguns de seus homens de confiança para vigiar as portas. Como os comerciantes acamparam do lado de fora dos portões fechados, tentando os habitantes a fazer negócios, Neemias os advertiu, possivelmente do alto do muro, e os ameaçou dizendo que se fizessem isso de novo, eles seriam presos (Ne 13:19-21).⁶

Dissolução dos casamentos com mulheres estrangeiras. Diante do problema crônico que era o jugo desigual, Neemias repreendeu, amaldiçoou e feriu alguns judeus, provavelmente os mais relutantes em obedecer (Ne 13:25). Suas ações drásticas foram planejadas para impedir que o problema se repetisse, como aconteceu com Esdras. Deve-se notar que separar o



esposo da esposa, os pais dos filhos, é algo realmente traumático; por isso, muitos voltavam para sua família.

Lições de liderança

Cada líder enfrenta os conflitos de maneira diferente, influenciado por sua personalidade e visão. Sendo contemporâneos,⁷ Esdras e Neemias administraram os mesmos problemas dependendo de Deus, mas enfrentando-os de maneira distinta. Mais do que diversidade estratégica, a diferença entre esses dois líderes foi marcada por suas personalidades singulares. Os parágrafos a seguir apresentam algumas lições objetivas que podemos aprender com Neemias para resolver conflitos.

Decisões impopulares. O pecado sempre resulta em consequências negativas e muitas vezes nos coloca em situações impossíveis de ser resolvidas sem sofrimento. A estratégia de Esdras de permitir que os homens livremente deixassem esposas e filhos não funcionou porque exigia a renúncia da condição familiar. Sabendo disso, Neemias foi além, proibindo posteriores matrimônios mistos. O casamento com pessoas de outras crenças religiosas é muito comum atualmente; mas essas uniões frequentemente enfraquecem a fé e, às vezes, levam à apostasia. É importante alertar o povo de Deus sobre as consequências negativas do jugo desigual (2Co 6:14). Frequentemente, o líder é obrigado a se posicionar em questões difíceis, e seu parecer poderá ser muito criticado. No entanto, críticas que não têm fundamento bíblico nem moral não devem ser levadas em consideração.

Pregação e fracasso. A ideia de que Esdras falhou em sua reforma porque

Neemias teve que lidar com os mesmos problemas anos depois não é necessariamente verdadeira. Quando um servo de Deus prega fielmente a mensagem bíblica e as pessoas a rejeitam, o fracasso é delas, não do pregador. Algo semelhante aconteceu com o próprio Neemias. Após ficar distante por um tempo, ele teve que enfrentar novamente várias questões que já havia corrigido em seu primeiro período em Jerusalém (Ne 13:4-31).⁸

Coragem para pedir. Neemias não tinha autoridade civil nem recursos humanos e financeiros para reconstruir o muro. Ele precisava de ajuda! Por isso, pediu auxílio às personalidades mais poderosas que conhecia: Deus, que prometeu ajudar Seu povo em todos os momentos (Ne 1:8-11); e o rei Artaxerxes, que apreciava sua dedicação. Sem dúvida, Deus respondeu à oração de Neemias e deu-lhe graça aos olhos do rei, que o nomeou, imediatamente, como governador da Judeia, dando-lhe autoridade e os meios para reparar os muros de Jerusalém.

Estilo de liderança. A maneira violenta com que Neemias tratou os homens casados com mulheres estrangeiras tem sido alvo de muitas críticas. Alguns o consideraram um líder cruel e antiético, um homem "raivoso, despótico e sem tato".⁹ Apesar de seu caráter impetuoso, não se pode negar que Neemias teve sucesso em enfrentar o conflito e era temente a Deus, benevolente e altruísta. Um líder apegado aos mandamentos estabelecidos nas Sagradas Escrituras (Ne 1:7), que orava frequentemente (Ne 1:4, 6, 11; 2:4; 4:9) e tinha compaixão de seu povo (Ne 1:4).

Em suma, a paciência, mesmo do líder mais devoto, tem limites. Certamente, isso não deveria nos tornar violentos. Nesse caso, aprendemos por contraste.

É importante destacar que a Bíblia registra as ações positivas e negativas dos heróis da fé, e isso se aplica a Neemias. No entanto, certamente sua história provê reflexões úteis que nos ajudarão a lidar com os conflitos atuais. **TM**

Referências

¹ Bernard Mayer, *The Dynamics of Conflict Resolution: A practitioners guide* (San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2000), p. 3.

² A raiz etimológica dessas palavras vem do termo grego *autokratēia*, que significa "poder independente", "poder autossustentável".

³ Dimensões da muralha em metros: comprimento, 4.018; altura, 12; largura, 2,5.

⁴ A fama de Neemias como líder pode ser vista na quantidade de livros, artigos, teses de doutorado e sermões sobre sua liderança.

⁵ Esse serviço religioso para a dedicação de um muro é o único registrado nas Escrituras.

⁶ Essa expressão implica o uso da força física, que Neemias estava disposto a usar, quando colocou pessoas armadas com espadas, lanças e arcos para proteger a construção das muralhas e confrontou os judeus casados com mulheres estrangeiras (Ne 4:13-18; 13:25).

⁷ É evidente que o trabalho de Neemias como governador e o de Esdras como sacerdote convergiram, pois ambos aparecem juntos exercendo suas responsabilidades civis e religiosas em favor do povo de Deus (Ne 8:9; 12:26-36).

⁸ Em seu diálogo com o rei e a rainha, Neemias estabeleceu um tempo para retornar ao serviço do palácio. Depois de 12 anos como governador da Judeia, ele voltou a Susã para servir ao rei (Ne 5:14). Ao ouvir que o povo havia retornado aos seus maus caminhos, ele pediu permissão para voltar a Jerusalém (Ne 13: 6-7).

⁹ Esses defeitos de Neemias foram considerados por Pfeiffer como "suas melhores qualidades", ver George Buttrick (org.), *The Interpreter's Bible Commentary* (Nashville, TN: Abingdon, 1978), v. 3, p. 808, 809.

RICARDO NORTON

diretor do programa
hispano de doutorado em
Ministério na Universidade
Andrews

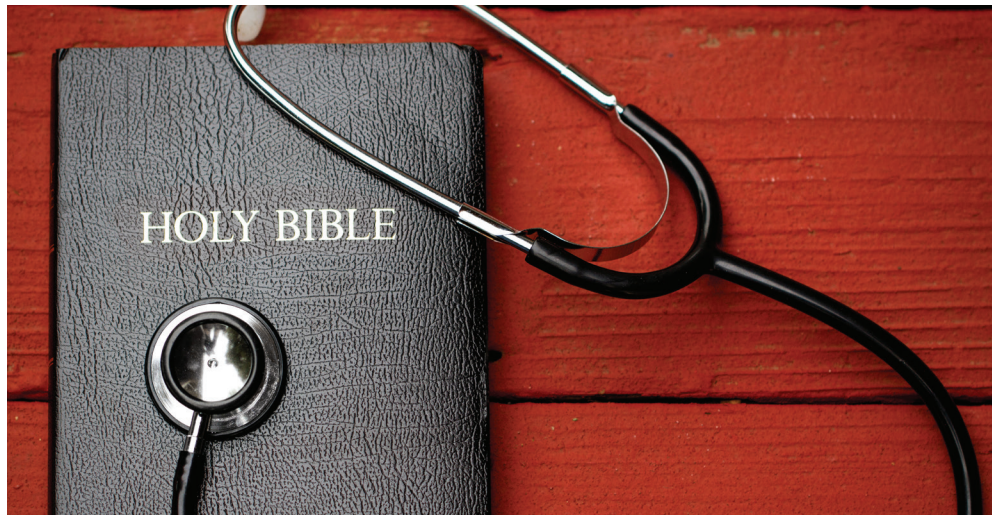


PROMESSA CUMPRIDA

Faz algum tempo desde que escrevi à *Review*. O silêncio, no entanto, não é sinônimo de inatividade. Passei algum tempo tentando revalidar meu diploma de medicina neste país [Argentina]; mas, por enquanto, tive que desistir da ideia de receber reconhecimento nacional por causa do preconceito contra os norte-americanos, especialmente aqueles que são profissionais. Um dos secretários me disse que era inútil tentar, pois eles não me aprovariam. Isso, porém, só aconteceu depois que se passaram três meses e de eu visitar os escritórios mais de cinquenta vezes para obter o direito de fazer o exame.

O resultado final foi uma grande decepção, mas não me desanimou. Isso me deu a chance de sair a campo novamente. Acabei de voltar de uma viagem pela região norte da Argentina, onde visitei alguns irmãos que tive o privilégio de levar à verdade e batizar cerca de dezoito meses atrás. Isso foi próximo da cidade de Empedrado, na província de Corrientes. Uma das famílias desceu o rio Paraná e se mudou para uma cidade próxima na mesma província, chamada Bella Vista. O lugar é realmente bonito, pois grandes pomares de laranja margeiam o rio por alguns quilômetros.

Essa família, apesar de incapaz de ler uma palavra, começou a trabalhar por aqueles a quem conheceu e, de maneira simples, dizer a verdade. Alguns ficaram muito interessados e, ao adquirir Bíblias, começaram a ler, embora o professor não pudesse citar-lhes um único texto bíblico. Mais tarde, alguns irmãos passaram pelo lugar a caminho do encontro da União Sul-Americana, no Paraná, em março passado. Tendo que esperar o barco por dois dias nesse local, aproveitaram o tempo visitando aqueles interessados. Durante a



primeira parte do mês passado, esses mesmos dois irmãos voltaram e passaram vários dias na cidade, dando estudos bíblicos e fazendo visitas de casa em casa. Assim, o interesse foi aprofundado e alguns começaram formalmente a deixar de trabalhar no sábado.

Os dois irmãos haviam lhes prometido que um ministro os visitaria, e eles estavam esperando ansiosamente que a promessa fosse cumprida. Então, quando cheguei, estavam tão prontos para ouvir quanto a casa de Cornélio quando Pedro chegou. Fiz visitas de casa em casa, tratando os doentes e ministrando estudos bíblicos. Todas as noites realizávamos uma reunião pública, apresentando as profecias e as verdades especiais para este tempo. O Senhor abençoou grandemente o trabalho, e o interesse era muito maior quando eu parti do que quando cheguei.

O padre fez advertências contra nós na escola pública, mas a influência da Palavra continuou aumentando. De modo especial, meu trabalho com os doentes abriu as portas em muitos lugares. Antes de partir, tive o privilégio de batizar quinze pessoas, e há outras dez que esperam ser batizadas

em breve. Foi organizada uma Escola Sabatina de cerca de trinta membros, e os batizados se uniram a uma igreja do outro lado do rio, na qual os dois irmãos mencionados anteriormente são ancião e diácono.

É inspirador ver a prontidão com que muitas dessas pessoas católicas recebem a verdade para este tempo. Certamente o Senhor tem muitas joias entre os milhões de católicos de fala hispana; mas onde estão os obreiros que devem alcançá-las? Estamos orando para que o Senhor da seara envie trabalhadores para Sua seara. Alguns jovens fortes que podem ler este relato não se oferecerão para nos ajudar? Existem nesses campos milhões de pessoas a mais do que missionários para levar-lhes a Palavra. Que o Senhor ponha sobre nós o fardo da mensagem! **M**

Referência

Extraído de "Argentina, South America", *Review and Herald*, 6 de dezembro de 1906, p. 15.

ROBERT HABENICHT
pioneiro adventista
na Argentina



SANTUÁRIOS

A relação entre o jardim do Éden e o tabernáculo israelita

Ángel Manuel Rodríguez

O texto de Gênesis 2:4 a 3:24 contém terminologia e conceitos associados no Antigo Testamento à teologia do santuário. Isso levou alguns a sugerir que o Éden fosse “um tipo de arquétipo do santuário”.¹ Embora o jardim não fosse um santuário no sentido em que o tabernáculo israelita era, encontramos nessa perícope os primórdios da teologia do santuário. A seguir, resumiremos importantes estudos exegéticos e teológicos sobre o assunto por teólogos não adventistas e exploraremos como suas ideias podem contribuir para uma compreensão melhor da doutrina do santuário.

Paralelos

Localização oriental. O jardim estava localizado na seção oriental do Éden (Gn 2:8) e, aparentemente, sua entrada também ficava para o leste (Gn 3:24).² A entrada do santuário israelita também era voltada para o oriente (Êx 27:13-16).³ Em certo sentido, o portão do jardim funcionava mais como uma saída do que uma entrada, enquanto o portão do santuário era uma entrada, um retorno do leste.

Fonte de água. O Éden era uma fonte de água abundante (Gn 2:10). A água era usada no santuário para mantê-lo limpo e para a purificação dos sacerdotes. Havia uma pia perto de sua entrada (Êx 38:8).

Uma corrente de água às vezes é associada ao templo israelita (Sl 46:4). No Salmo 36:8 a 10, o santuário é descrito como “um lugar de refúgio da dureza da vida [...] Observe que a palavra traduzida por ‘delícias’ (*cadnêk*) é simplesmente o plural de Éden. A corrente das delícias [de Deus] é





identificada com a ‘fonte da vida’.⁴ Assim, a água se torna um símbolo da vida e das bênçãos de Deus.⁵ Ezequiel tomou essa imagem e a associou ao templo escatológico do Senhor (Ez 47:1-12).⁶

Árvore da vida (Gn 2:9; 3:24). É geralmente reconhecido que a árvore da vida foi representada dentro do santuário pelo castiçal de ouro. Tinha sete ramos, e os cálices de cada ramo tinham a forma de flor de amêndoa, decoradas com pétalas e botões (Êx 25:31-36). “A presença de termos botânicos, e a forma básica de um eixo mais seis ramos dão a impressão de um objeto em forma de árvore.”⁷ Se essa compreensão estiver correta, então o jardim e o santuário eram lugares em que estava localizada a fonte da vida.⁸

Ouro e pedras preciosas. A narrativa do Éden menciona ouro e pedras preciosas (Gn 2:12). Os móveis do tabernáculo eram cobertos de ouro e uma das vestes do sacerdote era decorada com pedras preciosas (Êx 25:7, 13, 18, 24). Alguns encontram aqui elementos comuns compartilhados pelo jardim e pelo santuário.⁹ O termo “ônix” é usado em Gênesis e no contexto do santuário (Êx 28:9-12). A associação terminológica é válida e apoia a visão de que o jardim e o santuário compartilham algumas concepções fundamentais.

Querubins. Os querubins são mencionados pela primeira vez em Gênesis 3:24. Figuras de querubins foram usadas para decorar as cortinas internas do tabernáculo (Êx 26:1, 31), e duas delas faziam parte da arca da aliança (Êx 25:17-22).¹⁰ Eles estavam ali, como no Éden, como servos de Deus. Os querubins que ficavam na entrada do jardim eram um lembrete de que o Senhor ainda estava acessível às pessoas.

Guardando a entrada. A função dos querubins era “guardar [*shamar*] o caminho da árvore da vida” (Gn 3:24); isto é, proteger a santidade do jardim e o acesso ao símbolo da vida. Os levitas foram colocados ao redor do santuário para ter “o cuidado da guarda [*shamar*] do tabernáculo do testemunho (Nm 1:53, ACF). Eles eram responsáveis por proteger o tabernáculo contra qualquer pessoa que quisesse invadi-lo.”¹¹

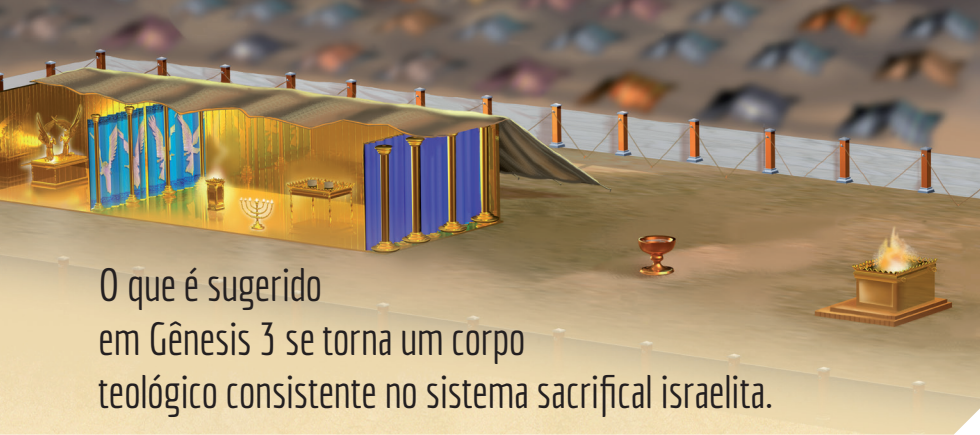
Trabalho de Adão. Os seres humanos deveriam “cultivar [*cabad*] e guardar [*shamar*]” o jardim (Gn 2:15). Esses verbos também são usados juntos em Números 3:7 e 8; 8:26; 18:5 e 6 para descrever os deveres dos levitas em trabalhar, ministrar e guardar o santuário.¹² Adão estava fazendo no jardim uma tarefa que mais tarde foi designada aos levitas.

Vestidas de Adão e Eva. Após a queda, Deus providenciou vestes para Adão e Eva com a pele de animais (Gn 3:21). Nos serviços do santuário, a pele dos animais sacrificados, o couro, era dada aos sacerdotes oficiantes (Lv 7:8).

Dois outros termos usados no relato do jardim também são encontrados no contexto do tabernáculo. O verbo habitar [*shakan*] é usado em Gênesis 3:24 e Êxodo 25:8 (Deus queria habitar [*shakan*] entre os israelitas).¹³ Gênesis 3:8 diz que o Senhor “andava no jardim” (*hithallek*, “andar de um lado para o outro”; do verbo *halak*, “andar”). O mesmo verbo é usado em Levítico 26:12 e Deuteronômio 23:14 para descrever a presença divina no santuário. “O Senhor andava no Éden, assim como posteriormente andou no tabernáculo.”¹⁴

Ligações teológicas

Local de encontro entre Deus e a humanidade. De uma perspectiva teológica, o jardim do Éden era onde Deus e os seres humanos se encontravam em um relacionamento



O que é sugerido em Gênesis 3 se torna um corpo teológico consistente no sistema sacrificial israelita.

harmonioso. O jardim não era a morada de Deus,¹⁵ mas um lugar criado por Ele para os seres humanos, no qual eles deveriam morar (2: 8, 15).¹⁶

Encontramos ideias semelhantes no cenário do tabernáculo israelita. O santuário era onde Deus e os humanos se reuniam. Mas quando examinamos as similaridades entre o jardim e o santuário como locais de encontro, esses paralelos não são exatos.

O jardim foi criado por Deus. Os seres humanos habitavam nele. O Senhor os visitava, e havia perfeita harmonia nesse relacionamento. O tabernáculo foi construído por seres humanos. Deus habitava nele. As pessoas iam até o santuário para se encontrarem com Ele, e o objetivo da visita era restaurar ou preservar a relação entre elas e o Senhor.

A razão para essa diferença é que o jardim retrata a relação entre Deus e os seres humanos em um contexto livre de pecado e morte. O tabernáculo retrata a mesma relação no contexto do pecado e da morte. Agora, Deus era quem habitava com a humanidade, porque a humanidade havia rejeitado a morada que o Senhor criou para ela.

Os humanos são descritos como que retornando ao leste. Na Bíblia, o “orientes” pode ser um símbolo do bem ou do mal.¹⁷ É um lugar de escravidão, opressão (Ez 25:4) e idolatria (Ez 8:16). O retorno do orientes era um símbolo de submissão a Deus. Sempre que os israelitas iam ao santuário, estavam retornando à experiência original de harmonia e unidade entre Deus e os seres humanos que prevalecia no jardim do Éden. De fato, era um ato de redenção, uma recriação.

Atividade judiciária de Deus. No Éden, Deus atuou como Juiz. Os estudiosos

descobriram em Gênesis 3:11 a 20 “um julgamento”,¹⁸ um processo legal,¹⁹ uma cena de juízo.²⁰ Nessa cena, Deus age como promotor, investigando o crime cometido pelo casal.²¹ A história “segue passo a passo o procedimento de uma ação legal”.²² Há uma descoberta (v. 8-10), um interrogatório e defesa (v. 11-13) e, finalmente, uma sentença (v. 14-19).

O Senhor faz perguntas e investiga a natureza e a razão do crime cometido. Temos nessa história um juízo investigativo no qual Deus procura e analisa as evidências. Duas perguntas surgem nesse contexto: Ele já sabia sobre o pecado do casal? Se sabia, por que a investigação foi necessária?

Umberto Cassuto levantou essas questões e sugeriu que “uma vez que a narrativa subsequente retrata Deus como onipotente, é lógico que Ele não seja retratado aqui como Alguém que não tem conhecimento do que está ao Seu redor”.²³ Ele acrescenta que “o Juiz de toda a terra chama o homem a fim de exigir dele um relato de sua conduta”.²⁴ Segundo outros autores, o objetivo das perguntas é (1) estabelecer os fatos e “deixar claro para o homem e a mulher o que fizeram”;²⁵ ou (2) permitir que “o próprio homem reconheça seu crime”;²⁶ (3) ou melhor ainda, levar o culpado “a confessar sua culpa”.²⁷

Esse é o primeiro julgamento registrado nas Escrituras e inclui uma investigação seguida por uma sentença e sua execução. Durante a apuração, Adão e Eva foram interrogados pelo Senhor, mas surpreendentemente a serpente não foi questionada; ela não foi julgada da mesma forma que o casal. O inimigo foi apenas condenado; uma sentença foi pronunciada contra ele.²⁸

No santuário israelita, Deus atuava como Juiz de Seu povo e do mundo. De acordo com Deuteronômio 17:8 a 13, a “suprema corte” de Israel se reunia no tabernáculo e consistia em sacerdotes e um juiz. Deus confiou a eles Sua autoridade judiciária.

O plano da redenção revelado

Deus Se revelou no Éden não apenas como Juiz, mas também como Redentor. A morte de Adão e Eva deveria ter ocorrido imediatamente (Gn 2:17).²⁹ A pena de morte não se esgotou quando Deus disse a Adão: “tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3:19). Essa morte, sem dúvida, pertence à penalidade do pecado; mas Gênesis 2:17 descreve algo além disso. A advertência divina “não foi ‘naquele dia você se tornará mortal’, mas ‘você morrerá’. Porém isso não aconteceu”.³⁰ A vida de Adão e Eva foi prolongada porque “Deus permitiu que a graça prevalecesse”.³¹

Essa expressão de graça está encapsulada em Gênesis 3:15, que oferece garantia de uma nova vida. O fato de a serpente ser aqui um símbolo do mal e de que sua cabeça deve ser “esmagada” pelo Descendente da mulher sugere que haverá uma vitória final sobre o mal e a morte.³² Para a comunidade cristã, esse triunfo se tornou realidade em Cristo Jesus (cf. Rm 16:20; Hb 2:14; Ap 12). A morte final de Adão e Eva não foi efetivada porque Cristo é o “Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Ap 13:8).

Gênesis 3:21 também poderia estar apontando, de maneira pictórica, para essa promessa de salvação: “Fez o Senhor Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu.” Nudez e vestimentas são temas importantes nas narrativas da criação e da queda.

Antes da queda, a nudez era a condição natural de Adão e Eva (Gn 2:21). Eles eram livres para se aproximarem de Deus e interagirem entre si e com o restante da criação sem ter que mediar sua presença através da roupa. Após a queda, a nudez se tornou antinatural, permanecendo

como símbolo de sua alienação de Deus. Eles não podiam se aproximar do Senhor porque sua natureza havia sido alterada em virtude da rebelião. Uma metamorfose foi necessária, simbolizada pelo ato de serem vestidos.

Deus rejeitou as vestes com folhas confeccionadas por Adão e Eva e os cobriu com peles de animais. O Senhor provê meios para que o casal se aproxime Dele (cf. Êx 28:42, 43). Na Bíblia, vestir alguém sinaliza a concessão de um novo *status* (cf. Gn 41:42; Êx 28:40, 41; Lv 8: 7, 13; Nm 20:26).³³

Assim, a atitude divina elevou Adão e Eva de um estado de alienação para uma condição em que eles podiam interagir com Deus. O Senhor lhes estava restaurando um pouco da dignidade que haviam perdido.³⁴ Obviamente, a interação não seria a mesma, mas apontava para um tempo futuro em que o relacionamento será totalmente restaurado.

Ao afirmar que Adão e Eva estavam vestidos com peles de animais, o texto afirma implicitamente que pelo menos um animal foi morto. O fato de isso não ser claramente indicado não deve prejudicar sua importância. A narrativa bíblica parece estar “antecipando a noção de sacrifício na matança de animais”.³⁵

Quando consideramos Gênesis 3:21 em seu contexto teológico, a morte implícita do animal se torna realmente um ato de sacrifício. Em primeiro lugar, era esperado que Adão e Eva experimentassem a morte final (Gn 2:17). Contudo, a vida deles foi preservada. É justamente nesse contexto de risco de morte que ocorre o sacrifício de um animal. Eles não sofrem a pena de morte, mas um animal morre.

Na sequência, a morte do animal não é um detalhe acidental na narrativa; mas fornece o que Adão e Eva precisavam para restaurar o relacionamento com Deus. Da morte vem a esperança e a restauração para eles.

Finalmente, o fato de que Deus fez as roupas e os vestiu sugere que o Senhor fez por eles o que foram incapazes de fazer

por si mesmos. Ele estava graciosamente habilitando-os a se aproximarem Dele. Esses conceitos pertencem à teologia do santuário e de seus serviços no Antigo Testamento. De fato, o que é embrionário ou sugerido em Gênesis 3 se torna um corpo teológico consistente no sistema sacrificial israelita.

Conclusão

O relato do Éden fornece alguns dos elementos mais importantes para o desenvolvimento de uma teologia do santuário e seus serviços no sistema de adoração israelita. As ligações linguísticas, bem como o uso de imagens similares, apontam para a estreita conexão entre os dois. Esse vínculo é ainda mais forte em nível teológico.

O jardim e o santuário são um centro da vida porque o Senhor está presente em ambos. São lugares em que Deus e os seres humanos podem se unir para estabelecer comunhão. Nos dois lugares, Deus julga o pecado de Seu povo e lhe promete redenção. De fato, o Senhor prefigura a natureza dessa salvação, concedendo-a simbolicamente através da morte de uma vítima sacrificial. O santuário israelita parecia apontar para a harmonia original que existia entre Deus e os seres humanos e, finalmente, para a restauração de todas as coisas. **M**

Referências

- 1 Gordon J. Wenham, “Sanctuary Symbolism in the Garden of Eden”, *Proceedings of the World Congress of Jewish Studies* 9 (1981), p. 19; Idem., *Genesis 1-15* (Waco, TX: Word, 1987), p. 86.
- 2 Umberto Cassuto, *A Commentary on the Book of Genesis: Genesis I-VI B* (Jerusalém: Magnes Press, 1961), p. 174; Nahum M. Sarna, *Genesis* (Filadélfia: Jewish Publication Society, 1989), p. 30.
- 3 David Chilton, *Paradise Restored: A Biblical theology of dominion* (Tyler, TX: Reconstruction Press, 1985), p. 29; Wenham, “Sanctuary Symbolism”, p. 20.
- 4 Levenson, *Sinai & Zion: An Entry into the Jewish Bible* (Mineápolis, MN: Winston Press, 1985), p. 132.
- 5 Wenham, “Sanctuary Symbolism”, p. 22; Idem., *Genesis 1-15* (Waco, TX: Word, 1987), p. 65.
- 6 Howard N. Wallace, *The Eden Narrative* (Atlanta: Scholars Press, 1985), p. 77, 78.
- 7 Carol Meyers, “Lampstand”, em David Noel Freedman (ed.), *Anchor Bible Dictionary* (Nova York: Doubleday, 1992), v. 4, p. 142.

⁸ Wenham, *Genesis 1-15*, p. 62; Frank B. Holbrook, “The Israelite Sanctuary” em Frank B. Holbrook (ed.), *The Sanctuary and the Atonement* (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1989), p. 31.

⁹ Cassuto, *Genesis*, p. 119, 120; Chilton, *Paradise*, p. 32-34; Wenham, *Gênesis 1-5*, p. 65.

¹⁰ Wenham, *Genesis*, p. 86.

¹¹ Victor P. Hamilton, *The Book of Genesis Chapters 1-17* (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), p. 210.

¹² Wenham, “Sanctuary Symbolism”, p. 21.

¹³ Wenham, *Genesis*, p. 86.

¹⁴ Wenham, “Sanctuary Symbolism”, p. 20.

¹⁵ Howard N. Wallace, *Eden Narrative*, p. 70-85; Idem., “Garden of God”, em *Anchor Bible Dictionary*, v. 2, p. 907.

¹⁶ Gerhard von Rad, *Genesis* (Filadélfia: Westminster, 1972), p. 78.

¹⁷ Leland Ryken, James C. Wilhoit e Tremper Longman III (eds.), “East”, em *Dictionary of Biblical Imagery* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1998), p. 225, 226.

¹⁸ Von Rad, *Genesis*, p. 91; Walter Brueggemann, *Genesis* (Atlanta: Knox, 1982), p. 49.

¹⁹ Claus Westermann, *Genesis 1-11: A Commentary* (Mineápolis, MN: Augsburg, 1984), p. 253.

²⁰ Sailhamer, “Genesis”, p. 52.

²¹ Hamilton, *Genesis*, p. 194.

²² Westermann, *Genesis*, p. 252.

²³ Cassuto, *Genesis* (parte 1), p. 155.

²⁴ Ibid.

²⁵ Westermann, *Genesis 1-11*, p. 254, 255.

²⁶ Hamilton, *Genesis 1-17*, p. 194.

²⁷ Wenham, *Genesis 1-5*, p. 77.

²⁸ Ver Westermann, *Genesis 1-11*, p. 255.

²⁹ Wenham, *Genesis 1-15*, p. 68.

³⁰ Von Rad, *Genesis*, p. 95.

³¹ Ibid.

³² Wenham, *Genesis 1-17*, p. 80.

³³ Robert Oden, *The Bible Without Theology: The theological tradition and alternatives to it* (San Francisco: Harper and Row, 1987), p. 100, 101.

³⁴ Ver J. Gamberoni, “Labesh”, em G. Johannes Botterweck, Helmer Ringgren, Heinz-Josef Fabry (eds.), *Theological Dictionary of the Old Testament*, (Grand Rapids: Eerdmans, 1995), v. 7, p. 462.35.

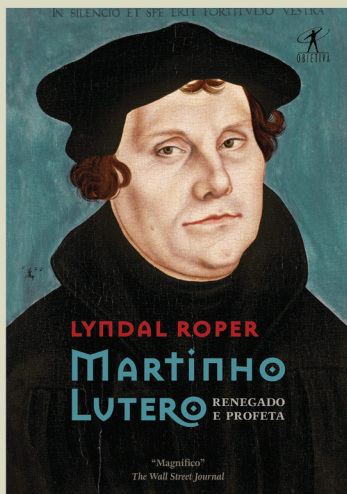
³⁵ Sailhamer, “Genesis”, p. 58.

Nota: Texto publicado originalmente no site do Instituto de Pesquisa Bíblica. Usado com permissão.

ÁNGEL MANUEL RODRÍGUEZ

ex-diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica

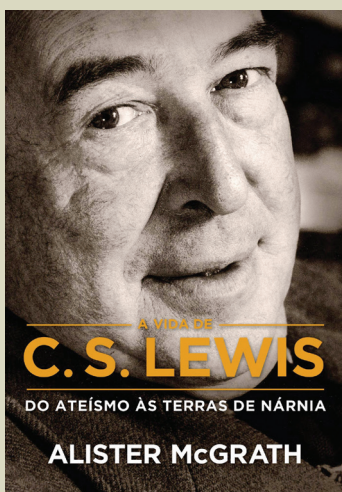




Martinho Lutero

Lyndal Roper, Objetiva, 2020, 568 p.

Historiadora renomada, Lyndal Roper apresenta o novo mundo que a Reforma criou e desenha um retrato multifacetado de Martinho Lutero. Quando ele pregou suas 95 teses na porta da igreja de uma pequena cidade universitária, em 31 de outubro de 1517, iniciou-se um processo que mudaria para sempre o mundo ocidental. Seu ataque à Igreja Romana logo convulsionou a Alemanha, dividiu a Europa e polarizou as crenças, desencadeando perseguições religiosas, agitação social e rompimento com o domínio da religião em todos os âmbitos da vida. Este livro não trata das questões doutrinárias nem de suas interpretações. A autora apresenta a figura de um Lutero de carne e osso, com todas as suas nuances, e revela como um pequeno ato de protesto se converteu em uma luta que transformaria a igreja e o mundo.

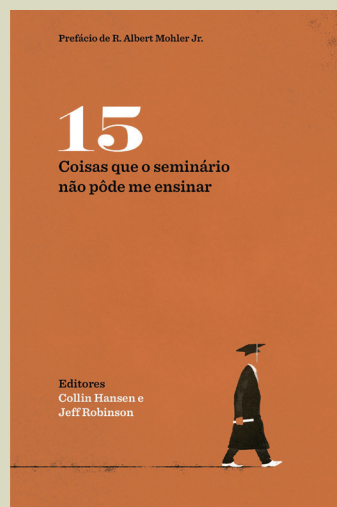


A Vida de C. S. Lewis

Alister McGrath, Mundo Cristão, 2019, 424 p.

Clive Staples Lewis (1898-1963) foi professor, escritor, poeta, crítico literário, ensaísta, apologeta e teólogo irlandês. Em sua carreira acadêmica, trabalhou como professor nas Universidades de Oxford e Cambridge. Lewis foi ateu até 31 anos de idade, quando então se converteu e se tornou membro da Igreja Anglicana. Entre seus escritos, destacam-se: *Cristianismo Puro e Simples*; *As Crônicas de Nárnia*; *Os Quatro Amores*; e *O Problema do Sofrimento*.

Neste livro, Alister McGrath revela de maneira fascinante a vida e o pensamento de Lewis e seu impacto sobre a cultura ocidental. McGrath, um dos principais eruditos cristãos da atualidade, conta a história da formação e da expressão da mente de Lewis a partir dos escritos do autor. McGrath promove uma análise dos temas e interesses mais profundos presentes no que Lewis escreveu ao longo de sua trajetória literária, proporcionando ao leitor uma experiência de informação e aprendizado.



15 Coisas Que o Seminário Não Pôde Me Ensinar

Collin Hansen e Jeff Robinson, eds., Vida Nova, 2020, 176 p.

Algumas lições não podem ser aprendidas em sala de aula. A educação formal em um seminário é imensamente valiosa: oferece preparação teológica, desenvolvimento espiritual e orientação para a vida. Contudo, muitos pastores recém-formados se sentem desencorajados quando as realidades do seu chamado não condizem com a expectativa gerada pelas leituras e debates em sala de aula.

Neste livro, pastores e líderes experientes no ministério cobrem essa lacuna entre o seminário e o trabalho na igreja, oferecendo conselhos, orientações e encorajamento relacionados a uma série de questões do mundo real, tais como liderar congregações em meio a períodos de sofrimento, lidar com conflitos e aceitar o chamado, entre outras.

“El Armagedón en el Adventismo: Principios de interpretación escatológica y predominio de la interpretación cristocêntrica”

Alberto Peña Salvatierra – *Revista Hermenêutica*, v. 14, nº 1, 2014, p. 9-31
(<http://www.seer-adventista.com.br/ojs/index.php/hermeneutica/issue/view/41/8>)

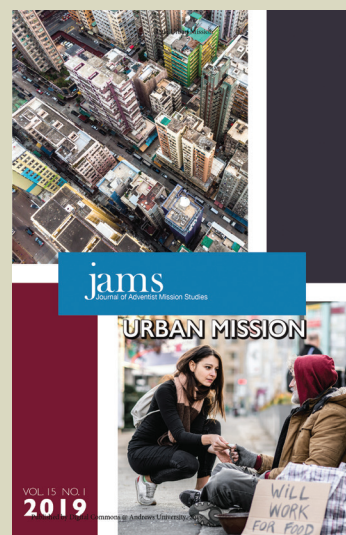
Na escatologia adventista, o tema do Armagedom é uma questão que tem chamado atenção ao longo de toda a sua história. Apesar das variações de certos critérios específicos da escatologia, existe um consenso sobre a interpretação cristocêntrica do tema. No entanto, se seguirmos princípios corretos de interpretação das profecias apocalípticas, podemos chegar a conclusões mais sólidas. Neste artigo, o autor analisa quatro aspectos relacionados à hermenêutica escatológica. Primeiramente, ele relembra a experiência do grande desapontamento de 1844 e o método historicista de interpretação. No segundo, ele considera a interpretação do Armagedon na história adventista. O terceiro aspecto apresenta princípios básicos para a interpretação escatológica. No último, o autor faz uma breve interpretação do Armagedom.



“Country Versus City Tension: Historical and socio-religious context of the development of Adventist understanding of urban mission”

Allan Novaes e Wendel Lima – *Journal of Adventist Mission Studies* 15, nº 1, 2019, p. 52-71
(<https://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1423&context=jams>)

Na maior parte do século 20, predominou no adventismo uma mentalidade de crítica e resistência às cidades, apesar de, nesse mesmo período, a IASD ter se desenvolvido de modo significativo no contexto urbano. Essa visão antiurbana foi alimentada por uma leitura incompleta dos escritos de Ellen White sobre o assunto. Este artigo procura descrever a tensão campo-cidade no adventismo, o contexto histórico e social desse dilema nos Estados Unidos, a visão ambivalente de Ellen White a respeito do tema e como essa tensão tem sido amenizada na última década por meio de uma mudança do discurso institucional e do investimento numa visão mais abrangente para a evangelização urbana.



“A Hermenêutica da ‘Teologia da Última Geração’”

Isaac Malheiros Meira Junior – *Revista Kerygma*, v. 11, nº 2, 2015, p. 137-164
(<https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/769/712>)

O objetivo do artigo é avaliar criticamente a hermenêutica da “Teologia da Última Geração” (TUG). O foco é a hermenêutica, o modo pelo qual a Bíblia e os escritos de Ellen G. White são interpretados. Para isso, é dada atenção especial ao modo com que a hermenêutica da TUG revela (1) problemas nas justificativas bíblicas apresentadas; (2) uma leitura seletiva dos escritos de Ellen G. White; (3) a utilização do método texto-prova; (4) a apresentação de temas em perspectivas equivocadas; (5) problemas semânticos; (6) o reducionismo de temas mais amplos; e (7) problemas de lógica argumentativa. O autor utiliza em sua pesquisa o método da revisão bibliográfica. Se a TUG pretende ser um ensino bíblico, é urgente que seus conceitos sejam bíblica e plenamente fundamentados e esclarecidos, em consonância com os princípios adventistas de interpretação das Escrituras.



UNIDADE E MISSÃO



Os gadarenos desejaram que Cristo Se afastasse deles. Os de Cafarnaum O receberam, e entre eles Jesus realizou maravilhosos milagres. Cristo tem todo o poder no Céu e na Terra. É o Grande Médico, a quem temos que invocar quando estivermos a padecer enfermidade física ou espiritual. Sobre os ventos e as ondas e sobre homens possuídos de demônios, Ele demonstrou absoluto domínio. Foram-Lhe dadas as chaves da morte e do inferno. Foram-Lhe sujeitas as potestades e potências, mesmo durante o tempo de Sua humilhação. [...]

Por que não exercemos maior fé no Médico divino? Como Ele atuou pelo homem atacado de paralisia, assim fará hoje pelos que a Ele vão em busca de cura. Somos grandemente necessitados de mais fé. Fico alarmada ao ver a falta de fé entre nosso povo. Precisamos chegar diretamente à presença de Cristo, crendo que Ele curará nossas enfermidades de corpo e de espírito.

Somos demasiadamente sem fé. Oh! Como desejaria poder levar nosso povo a ter fé em Deus! As pessoas não necessitam achar que, para exercer fé, precisam agitar-se a elevado estado de êxtase. Tudo que precisam fazer é crer na Palavra de Deus, da mesma forma que acreditam na palavra uns dos outros. Se Ele o disse, cumprirá Sua Palavra. Confiem tranquilamente em Sua promessa [...]. Digam: Ele me disse isto em Sua Palavra e cumprirá toda promessa que fez. Não fiquem inquietos. Sejam confiantes. A Palavra de Deus é fiel. Procedam como sendo seu Pai celestial digno de confiança. [...]

Homens são designados para proclamar a verdade em novos lugares. Esses homens precisam ter recursos para seu sustento. Precisam também ter recursos

para auxílio aos pobres e necessitados que encontram em seu trabalho. A beneficência que manifestam para com os pobres comunica influência a seus esforços quanto à proclamação da verdade. Sua boa vontade para ajudar os necessitados granjeia-lhes o reconhecimento daqueles a quem auxiliam e a aprovação do Céu.

Esses fiéis obreiros devem ter a solidariedade da igreja. O Senhor ouvirá as súplicas em favor deles. E a igreja não deve deixar de mostrar interesse prático em seu trabalho.

Ninguém vive para si. Na obra de Deus é designado a cada um seu posto de dever. A união de todos robustece a obra de cada um. À medida que a fé e o amor e a unidade da igreja se fortalecem mais, o círculo de influência é ampliado, e eles devem alcançar o mais abrangente limite dessa influência, estendendo constantemente os triunfos da cruz.

Deus nos chama a romper os laços de nosso serviço formal dentro de casa. A mensagem do evangelho deve ser levada às cidades e fora das cidades. Devemos convidar todos a se reunirem em torno da bandeira da cruz. Quando essa obra for feita como deve ser, quando trabalharmos com zelo divino para acrescentar convertidos à verdade, o mundo verá que a mensagem da verdade é acompanhada de poder. A unidade dos crentes dá testemunho do poder da verdade que pode levar à perfeita harmonia homens de disposições diversas, fazendo de seus interesses um só.

As orações e ofertas dos crentes são aliadas a esforços abnegados e fervorosos, e eles são na verdade um espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens. As pessoas são novamente convertidas. A mão que anteriormente buscava apegar-se à recompensa em maiores ganhos, tornou-se a mão ajudadora de Deus. Os crentes são unidos por um só interesse: o desejo de fazer centros da verdade onde Deus seja exaltado. Cristo Se une a eles em santos laços de união e amor, laços de irresistível poder. [...]

Deus apela aos que se encontram meio acordados para despertarem e se empenharem no labor diligente, orando a Ele por forças para o serviço. Necessitam-se obreiros. Não é preciso seguirem-se regras de rigorosa precisão. Recebam o Espírito Santo, e seus esforços serão bem-sucedidos. A presença de Cristo, eis o que dá poder. Cesse toda dissensão e contenda. Prevalença o amor e a unidade. Movam-se todos sob a direção do Espírito Santo. Caso o povo de Deus se entregue inteiramente a Ele, o Senhor lhes restaurará o poder que perderam pela divisão. Que Deus ajude todos nós a compreender que desunião é fraqueza e que união é força! **M**



Texto extraído de *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 83-85.

PRÁTICA INDISPENSÁVEL

A visitação nunca foi tão importante como agora. Seja virtual ou pessoalmente, onde as circunstâncias e os protocolos permitirem, a pandemia da Covid-19 demonstrou a necessidade de visitação e acompanhamento pastoral às famílias da igreja.

Em geral, a preparação recebida em seminários ou faculdades teológicas se concentra mais em como fazer exegese, pregar e administrar a igreja; sem dúvida, áreas cruciais no ministério. No entanto, não devemos subestimar a visitação pastoral. Os seguintes benefícios destacam sua importância:

Crescimento espiritual. A preparação espiritual é fundamental. Todo pastor rapidamente perceberá que, sem uma profunda experiência espiritual com Deus, a visitação se tornará simplesmente em reunião social. As interações entre pastor e membros devem motivar maior espiritualidade por parte de todos os envolvidos.

Relacionamento. Visitas pastorais fortalecem o relacionamento entre o pastor e os membros da igreja. Elas não somente permitem que ele conheça melhor as ovelhas do seu rebanho e suas necessidades, mas também ajudam a irmandade a conhecer melhor seu pastor. Além disso, líderes e membros estarão mais motivados a visitar e fortalecer uns aos outros se virem o exemplo de seu pastor. A visitação promove a unidade e é essencial para fazer com que uma congregação se torne calorosa e receptiva.

Pregação. A visitação possibilita que o pastor tenha uma imagem mais ampla a respeito da vida dos membros. Isso o ajudará a pregar temas de acordo com as necessidades da igreja, e sobre interesses e perguntas que os membros manifestam na visitação.

Nutrição e fortalecimento. As palavras de despedida de Jesus a Pedro o exortaram a apascentar e cuidar de Suas ovelhas (Jo 21:15-19). Alcançar crescimento e amadurecimento espirituais por meio

A visitação proverá força neste momento em que o mundo está prestes a desmoronar e segurança nesta época em que não sabemos o que o dia seguinte poderá trazer.

do pastoreio é essencial. Isso inclui apoio e orientação espiritual e emocional, a fim de fortalecer a fé e a confiança em Deus, resultando em maior disposição para realizar Sua vontade.

Mordomia. Não há melhor motivação para a fidelidade a Deus do que o fato de o pastor dispensar cuidado e atenção a seus membros. Nesse sentido, as visitas pastorais são fundamentais para comunicar a relevância da mordomia. O membro que percebe essa dedicação em seu pastor estará mais disposto a ser fiel a Deus no uso de seu tempo, dons e talentos, bem como em relação a seu dinheiro e recursos.

Crescimento pessoal. Visitar permite que o pastor descubra suas próprias falhas e necessidades. Muitos não entendem completamente as fraquezas e necessidades de seu próprio ser. Assim, optam por escondê-las ou ignorá-las. Outros se sentem inseguros sobre sua identidade, vocação e habilidades. É preciso se redescobrir perguntando: "Quem sou eu e o que significa ser pastor?" A visitação pode ser de grande auxílio para responder a essa pergunta. Além disso, ao tentar ajudar os irmãos a superar suas inseguranças, deficiências e necessidades, o pastor poderá identificar suas próprias e, com a ajuda divina, superá-las também.

Portanto, a visitação pastoral não é um fenômeno periférico nem incidental. É uma parte essencial do ministério, seguindo nos passos do Senhor que nos visitou primeiro. A visitação proverá força neste momento em que o mundo está prestes a desmoronar e segurança nesta época em que não sabemos o que o dia seguinte poderá trazer. **M**



WALTER STEGER
editor associado da
Ministério, edição em
espanhol

CESTA BÁSICA ESPIRITUAL PARA 2021



HORÁRIO ESPECIAL DE
ATENDIMENTO DIA 20/10

CPB LIVRARIAS
DAS 9H ÀS 17H

0800-9790606 OU  15 98100-5073
DAS 8H ÀS 20H (HORÁRIO DE BRASÍLIA)

DE 1º DE SETEMBRO
A 18 DE OUTUBRO

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria |  15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimentolivrarias@cpb.com.br

WhatsApp



/cpbeditora

Baixe o
aplicativo
CPB

